

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM ENSINO

**O ENSINO DO BASQUETEBOL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
COM A BOLA, OS PROFESSORES.**

Clairton Wachholz

Lajeado, setembro de 2015

Clairton Wachholz

**O ENSINO DO BASQUETEBOL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
COM A BOLA, OS PROFESSORES.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino do Centro Universitário UNIVATES, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Suzana Feldens Schwertner

Lajeado, setembro de 2015

Clairton Wachholz

**O ENSINO DO BASQUETEBOL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
COM A BOLA, OS PROFESSORES.**

A Banca Examinadora abaixo aprova a Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Acadêmico em Ensino do Centro Universitário UNIVATES, como exigência para a obtenção do grau de Mestre em Ensino.

Profa. Dra. Suzana Feldens Schwertner - orientadora
Centro Universitário Univates (UNIVATES)

Prof. Dr. Fabiano Bossle
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Jacqueline Silva da Silva
Centro Universitário Univates (UNIVATES)

Profa. Dra. Marli Teresinha Quartieri
Centro Universitário Univates (UNIVATES)

Lajeado, setembro de 2015

AGRADECIMENTOS

A vida é feita de desafios. A cada dia temos de superar obstáculos, buscando atingir metas e conquistas, de ordem pessoal ou profissional, o que nos coloca em uma busca eterna pelo aperfeiçoamento. No mundo virtual, a informação gira numa velocidade incrível, e, para o professor contemporâneo acompanhar este processo, necessita de muita leitura, estudo e busca pela construção do conhecimento.

A trajetória até chegarmos à consagração de uma etapa concluída é permeada por um caminho de alegrias e sofrimento, conquistas e decepções e um desgaste muito grande.

Em razão disso, inicio meus agradecimentos aos meus pais e à minha irmã, não partindo da caminhada do mestrado, mas desde meu nascimento até hoje. Obrigado, minha mãe, Rosalba, e a meu pai, Nélio, e também à minha irmã, Carina, que sempre estiveram ao meu lado, festejando as conquistas, mas segurando a barra nos momentos difíceis.

Agradeço à minha esposa, Elise Bozzetto, parceira em todos os momentos. Sem sua dedicação a nossos filhos, jamais teria concluído esta etapa. Aos meus filhos, Murilo e Vicente, não tenho dúvida em dizer que foram a inspiração e o combustível para conquistar este título.

A todos os colegas professores de Educação Física e funcionários do Complexo Esportivo da UNIVATES, treinadores, equipe diretiva do Colégio Evangélico Alberto Torres, obrigado pela paciência e dedicação, mesmo quando não

estive presente.

À minha orientadora, Dra. Suzana Feldens Schwertner: estes dois anos sob sua orientação foram de muito aprendizado profissional e pessoal. Sinto-me à vontade em dizer que ela foi fundamental nesta trajetória.

Obrigado a todos!

RESUMO

A presente dissertação propõe-se a investigar o seguinte: Como os professores de Educação Física da rede municipal de Lajeado/RS percebem a modalidade de basquetebol nas suas práticas de ensino? O objetivo geral é compreender as possibilidades de desenvolvimento da modalidade basquetebol nas aulas de Educação Física nas escolas da rede municipal de ensino de Lajeado/RS. Como objetivos específicos, destacam-se: contextualizar o basquetebol escolar na rede municipal de ensino de Lajeado/RS; conhecer as concepções e práticas dos professores de Educação Física dos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental das escolas municipais de Lajeado/RS em relação às aulas de basquetebol; e identificar as percepções dos professores sobre os alunos, quanto à participação nas aulas de basquetebol. A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo e descritivo. Foram realizadas seis entrevistas semiestruturadas (NEGRINE,1999) com professores de Educação Física, além de análise de documentos (MOLINA NETO,1999) pertinentes ao trabalho do professor, tais como Projeto Político Pedagógico das escolas envolvidas neste projeto de pesquisa e o plano de ensino dessa disciplina. Na análise das informações, foi utilizado o método denominado de triangulação (TRIVINÓS,1987). A partir dos resultados, verificou-se que, na rede municipal de Lajeado, o conteúdo basquetebol está presente nas aulas de Educação Física do 6º e do 7º ano e que a participação do professor no planejamento dessa disciplina e no engajamento da construção do PPP da escola é bastante destacada. Na ótica dos professores, os alunos são receptivos e mostram interesse pela prática de basquetebol, o que está em consonância com os projetos sociais desenvolvidos no município. Os professores atribuem um significado muito positivo às possibilidades pedagógicas que o ensino do basquetebol propicia, ressaltando que a prática do basquetebol na escola vai além dos aspectos metodológicos e técnicos: possibilita também a integração dos envolvidos e se apresenta centrada numa proposta pedagógica que vise à formação integral dos estudantes.

Palavras-chave: Ensino. Basquetebol. Educação física. Professor.

ABSTRACT

This thesis question: how do physical education teachers from municipal schools in Lajeado / RS perceive basketball in their teaching practices? The overall objective is to understand the possibilities for the development of basketball played in physical education classes in the municipal school network in Lajeado / RS. These specific objectives stand out: contextualize school basketball in the municipal school network in Lajeado /RS; find out the concepts and practices that primary school (years 6 and 7) Physical Education Teachers from municipal schools in Lajeado / RS use when teaching basketball classes; and also to identify the teachers' perceptions of the students participating in basketball lessons. The methodology used was qualitative and descriptive. Six semi-structured interviews were conducted (NEGRINE,1999) with physical education teachers, as well as document analysis (MOLINA NETO, 1999) pertaining to the work of the teacher, such as school political educational plans (PPP) and physical education teaching plans. The triangulation method was used for the analysis of the information. (TRIVINÓS, 1987). From the results, we found that in the network of municipal schools in Lajeado /RS, basketball content is present in year 6 and 7 physical education classes and the teacher is quite heavily involved in the planning of physical education, as well as the construction of the school PPP. From the teachers' point of view, students are receptive and show interest in playing basketball, which is consistent with the social projects developed in the municipal. Teachers attribute a very positive meaning to the educational possibilities that teaching basketball provides, pointing out that the practice of basketball in school must go beyond the methodological and technical aspects: also enable the integration of those involved and focus on an educational proposal for the comprehensive training of the students.

Keywords: Teaching. Basketball. Physical Education. Public Schools.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BIRA	Clube Atlético Ubirajá
CEAT	Colégio Evangélico Alberto Torres
CEAT/BIRA	Parceria Clube Atlético Ubirajá e Colégio Evangélico Alberto Torres
LDB	Leis de Diretrizes Básicas
NBA	Liga Profissional de Basquete Americano
NBB	Liga Nacional Brasileira de Basquetebol
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PME	Plano Municipal de Educação
PNE	Plano Nacional de Educação
SED	Secretaria de Educação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1 Aproximação ao campo	15
2.2 Leis e Diretrizes.....	19
2.2.1 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional	19
2.2.2 Parâmetros Curriculares Nacionais.....	20
2.2.3 Plano Municipal de Educação e a Educação Física	24
2.3 Ensino de Educação Física	25
2.4 Papel do professor	28
2.5 Basquetebol nas aulas de Educação Física	30
2.6 História do basquetebol.....	33
2.7 Basquetebol na Escola: estudos acerca da temática	38
3 REFERENCIAL METODOLÓGICO	41
3.1 Características do estudo.....	41
3.2 Contexto da investigação	42
3.3 Participantes do estudo.....	43
3.4 Instrumento para coleta de dados	44
3.5 Procedimentos para a coleta de dados	45
3.6 Método para análise	46
4 DISCUSSÃO E RESULTADOS.....	48
4.1 A Educação Física no contexto da escola: (des)encontros entre planejamento pedagógico e a atuação do professor.....	48
4.2 A presença marcante do basquetebol na Educação Física	54
4.3 A valorização do aluno à modalidade basquetebol como conteúdo da Educação Física	57
4.4 O basquetebol no contexto da Educação Física escolar e suas possibilidades pedagógicas.....	59
5 CONCLUSÃO	65
REFERÊNCIAS.....	69
APÊNDICE A – ENTREVISTA	74

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	75
APÊNDICE C – DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO.....	77
APÊNDICE D – DECLARAÇÃO	78

1 INTRODUÇÃO

A trajetória de 25 anos deste pesquisador como profissional na área do basquetebol trouxe muitos resultados positivos à frente de equipes e seleções do Rio Grande do Sul. Foi transformadora do cenário esportivo de Lajeado e do Vale do Taquari e importante na projeção de atletas em nível nacional e internacional, bem como na formação de pessoas de nossa sociedade.

Meus estudos relacionados com o basquetebol tiveram início no ano de 2001, quando cursei Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação Física Escolar, no Centro Universitário UNIVATES. No trabalho de conclusão, intitulado “Significado do Esporte de Rendimento na vida de ex-atletas do Ceat/Bira”, pesquisei sobre o significado da trajetória no esporte de rendimento para ex-atletas do Ceat/Bira na sua formação pessoal. Participaram desta pesquisa um atleta representante de cada equipe, nascidos entre 1973 a 1981, totalizando nove participantes. Cabe salientar que dois pontos apareceram em 100% das entrevistas: a aquisição de novas amizades e o fortalecimento das já existentes, o que foi surpreendente por se tratar de esporte de rendimento.

Em paralelo à carreira de treinador de basquetebol, trabalhei como professor de Educação Física, atividade exercida nas redes pública e privada até o ano de 2004, quando me afastei da licenciatura na escola básica. Durante o período em que exerci as funções de professor e treinador, um ponto sempre me trouxe inquietação: a competição como ênfase nas propostas desenvolvidas nas aulas de Educação Física, ou seja, a perspectiva de colocar a Educação Física a serviço da indústria do esporte.

Desde 2004, ministro aulas no curso de graduação em Educação Física no Centro Universitário UNIVATES e percebo que, aos poucos, a realidade da região quanto à prática do basquetebol na escola está mudando. Os egressos do curso de Educação Física que estão trabalhando em escolas são fundamentais, pois estão ministrando o basquetebol em escolas que até então não tinham esta modalidade no currículo.

Um ponto que gera muita inquietude está relacionado à negação ao basquetebol na vida escolar, apresentada nos relatos dos alunos no trabalho que realizo na disciplina de Basquetebol. Essa disciplina tem como objetivo auxiliar na formação dos futuros professores, na parte teórica e prática, na formação pedagógica e na formação pessoal, buscando despertar para uma consciência pessoal e profissional voltada para a valorização do ser humano.

No primeiro encontro com os alunos da disciplina de Basquetebol, solicito a construção de um memorial descritivo intitulado “Meu conhecimento prévio do basquetebol”. Neste, os estudantes são provocados a escreverem sobre sua trajetória em espaço formal e não formal ligado ao basquetebol, suas vivências práticas e também suas experiências como espectadores. Intriga-me perceber nos relatos que a maioria não teve contato com a modalidade basquetebol em sua vida escolar. Entre os que tiveram contato com essa modalidade, muitos relatam terem sido excluídos nas aulas de Educação Física escolar, não recebendo a bola e simplesmente sendo ignorados, ou seja, na grande maioria, são trajetórias escolares com pouca vivência no esporte e episódios de exclusão das práticas devido a biotipos, à falta de habilidades naturais ou específicas, enfatizando que nas aulas ocorre a valorização da performance e do desempenho técnico em detrimento da inclusão de todos na prática.

Para exemplificar o relatado no parágrafo acima, fiz um levantamento dos memoriais do primeiro semestre de 2013. Dos 21 memoriais entregues no início da disciplina, obtivemos os seguintes dados quanto ao número de vivências de basquetebol, na Educação Física Escolar, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio:

Quadro 1 - Número de aulas de basquetebol na escola básica

Nível de Ensino	Nunca vivenciaram	1 a 5 aulas	Mais que 5 aulas
Ensino Fundamental	8	10	3
Ensino Médio	7	8	6

Fonte: Memoriais descritivos da disciplina de Basquetebol – primeiro semestre de 2013.

Este levantamento reforça o quanto o basquetebol é pouco valorizado ou até mesmo negligenciado, com pouco espaço na Educação Física escolar.

O município de Lajeado é sede do Clube Atlético Ubirajá (Bira), um dos principais clubes de basquete do estado. No ano de 2008, o Bira disputou, na categoria adulta, o campeonato Novo Basquete Brasil (campeonato do qual foi um dos fundadores), além de ser campeão gaúcho de basquete nos anos de 2006, 2007, 2008, 2011, 2012 e 2013. No ano de 2012, o Clube conquistou seu título de maior expressão: sagrou-se campeão sul-brasileiro de basquete. Devido às conquistas obtidas, Lajeado hoje é considerada um dos polos do basquete no Rio Grande do Sul, fato que motiva a pesquisar a realidade do basquetebol em nível escolar. Portanto, este trabalho tem as seguintes questões norteadoras: Como os professores de Educação Física da rede municipal de ensino percebem a modalidade de basquetebol nas suas práticas de ensino? Como os professores entendem o significado do basquetebol nas aulas de Educação Física para os alunos? A realidade descrita pelos acadêmicos na disciplina de basquetebol é a mesma para escolas municipais de Lajeado?

Outro aspecto que me motivou a estudar este tema nesta pesquisa leva em conta o relato dos alunos da graduação nas disciplinas de Estágio II e III, do curso de Educação Física – Licenciatura, que leciono desde 2004. No momento da contextualização do espaço (físico e pedagógico) no qual será realizado o referido Estágio Supervisionado, os acadêmicos relatam que na maioria das escolas o conteúdo basquetebol não está sendo ministrado.

Desta forma, como docente destas disciplinas e, especialmente, como envolvido na formação de professoras e professores para Escolas de Educação Básica, acredito que o Ensino Superior tem papel fundamental na formação de docentes que incentivem a prática do basquetebol como socialização, como elemento formador de cidadãos, além de contribuir para formar trabalhadores qualificados, inseridos numa realidade em constante transformação.

Com esta pesquisa, busquei, a partir de minha experiência com esporte de rendimento e também como professor de Educação Física em escola pública por treze anos, contribuir para o âmbito escolar, realizando um trabalho de cunho científico que poderá ser utilizado para difundir uma proposta pedagógica visando ao desenvolvimento integral do indivíduo por meio do esporte, neste caso específico, na modalidade de basquetebol.

O presente estudo tem como título “O ensino do Basquetebol na Educação Física Escolar: com a bola, os professores”. A construção do problema que norteia o estudo foi concebida a partir do seguinte questionamento: Como um grupo de professores de Educação Física da rede municipal de ensino de Lajeado percebe a modalidade basquetebol nas suas práticas de ensino? Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo geral compreender as possibilidades de desenvolvimento da modalidade basquetebol nas aulas de Educação Física das escolas da rede municipal de ensino de Lajeado.

Como objetivos específicos, buscou-se contextualizar o basquetebol escolar na rede municipal de ensino de Lajeado/RS; conhecer as concepções e práticas dos professores de Educação Física dos 6^{os} e 7^{os} anos do Ensino Fundamental das escolas municipais de Lajeado/RS em relação às aulas de basquetebol e, ainda, identificar as percepções dos professores quanto ao interesse dos alunos nas aulas de basquetebol na Educação Física.

A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo e descritivo. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis professores de Educação Física, representantes de seis das dezoito escolas municipais de Lajeado/RS. Além disso, foi realizada análise de documentos pertinentes ao trabalho do professor, os quais norteiam sua caminhada na escola, tais como Projeto Político Pedagógico e Plano de Ensino.

A primeira justificativa para estudar o ensino do basquetebol na escola é a identificação do cotidiano das aulas de Educação Física, que parece produzir exclusão quanto ao conteúdo basquetebol a ser ministrado no âmbito escolar, conforme os memoriais e falas dos acadêmicos do curso de Educação Física da UNIVATES. A realidade retratada nos memoriais seria a mesma na rede municipal de Lajeado/RS? Ao identificar as concepções e práticas dos professores de Educação Física dos 6^{os} e 7^{os} anos do Ensino Fundamental das escolas municipais de Lajeado/RS em relação às aulas de basquetebol, penso ser possível que esta dissertação aponte para uma necessidade de pensar as práticas pedagógicas com os objetivos da escola como espaço de educação integral.

A dissertação está estruturada da seguinte forma: no primeiro capítulo, na

introdução, apresento o tema, a minha trajetória profissional ligada ao tema, a justificativa, o problema de pesquisa, o objetivo geral e os objetivos específicos.

O segundo capítulo é destinado ao referencial teórico que, alicerçado em autores, transita em teorias sobre Educação, Escola, Ensino da Educação Física escolar, o papel do professor de Educação Física e basquete na escola.

No terceiro capítulo está descrita a metodologia da pesquisa, as etapas dos procedimentos realizados, os participantes da investigação, o recurso utilizado para as coletas de informações, bem como há uma discussão inicial sobre elementos metodológicos e da realização da pesquisa.

No quarto capítulo estão descritas as análises das entrevistas e do material documental, e o quinto e último capítulo será destinado às considerações finais acerca do estudo e à conclusão de todo o processo da dissertação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Aproximação ao campo

O ponto de partida na escrita do referencial teórico é a Escola. Trata-se de pensá-la como um espaço de relações entre docentes, discentes e as demais pessoas que fazem parte dela. A escola e suas relações têm contribuído tanto para manutenção quanto para transformações sociais, possibilitando um desenvolvimento do papel crítico daqueles que ali habitam.

A ação pedagógica que acredita na possibilidade da educação como aquela capaz de impulsionar as ações humanas em busca de um mundo melhor há de estar atenta às orientações curriculares voltadas à educação básica, bem como às necessárias opções metodológicas na organização e desenvolvimento dos conteúdos de ensino (FREIRE, 1996).

Freire (1996) pensa a escola como um ambiente favorável à aprendizagem significativa, em que a relação professor-aluno acontece sempre a partir do diálogo, valorizando o respeito mútuo. O espaço escolar deve estar aberto para contribuir para a curiosidade, a criatividade, o raciocínio lógico, o estímulo à descoberta.

Os processos de ensino e de aprendizagem mais significativos são aqueles que transformam os sujeitos, ou seja, em que os saberes ensinados são reconstruídos pelos educadores e educandos, os quais, a partir dessa reconstrução, tornam-se autônomos, emancipados, questionadores.

Conforme Freire (1996, p.26):

Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo.

O professor deve construir o conhecimento buscando proporcionar ao aluno a compreensão do que foi exposto e, posteriormente, possibilitar que ele lhe atribua um novo sentido, quer dizer, a proposta é criar possibilidades, abrir oportunidades para indagações e sugestões.

Na concepção de Freire (2011, p. 130):

Se formos pensar uma intervenção mais efetiva, temos que propor mudanças nas estratégias de ação, alterações que possibilitem pensar uma escola que contribua para a educação de sujeitos críticos e autônomos, e permita acesso ao conhecimento de forma reflexiva e crítica.

Freire (2003) salienta que a escola precisa estar centrada de maneira democrática no seu educando e na sua comunidade local, a fim de poder, dessa forma, fazer uma reflexão sobre os problemas existentes. Tudo isso com uma escola que,

Plural nas suas atividades, criará circunstâncias as quais provoquem novas disposições mentais no brasileiro. [...] E que, em vez de escravizar crianças e mestras a programas rígidos e nacionalizados, faça que aquelas aprendam sobretudo a aprender. A enfrentar dificuldades. A resolver questões. A identificar-se com a sua realidade. A governar-se pela ingerência nos destinos. A trabalhar em grupo (FREIRE, 2003, p. 85).

No diálogo entre Sérgio Guimarães e Paulo Freire, quando questionado sobre o problema da competitividade e o uso desta na aprendizagem, Freire destaca que a competição é profundamente ideológica. Segundo o autor, ela vem de um berço de disputas, de uma produção material competitiva que deixa de lado aspectos da solidariedade. A escola pode, por vezes, reproduzir essa produção em nível de cultura e conhecimento.

Para contrapor-se a esta proposta, Paulo Freire (2011, p. 131) sugere:

Na medida em que uma sociedade vai fazendo girar sua produção de tal maneira que as relações sociais de produção – ou em torno dessa produção – se dêem em termos de solidariedade e não de competição, espera-se, que dentro das escolas, a produção do conhecimento e o exercício de conhecer o conhecimento que já existe se dêem não em termos competitivos, mas sim de solidariedade.

A Escola deve ser pensada como um espaço para uma prática docente consciente, crítica e construtiva visando à transformação do cenário predominante

hoje, criando estratégias que auxiliem na formação do ser crítico e autônomo, que poderá vir a ser um agente de transformação da sociedade. Seguindo este pensamento, Bossle (2003), quando utiliza como referencial a obra de Paulo Freire, ressalta:

O pensamento de Paulo Freire, de forma sintética, caracteriza-se por ser radicalmente dialético, tendo o diálogo como ferramenta pedagógica e de construção social. Concebe o ato pedagógico como um ato político, e o político como pedagógico, considerando a ideologia como elemento presente no processo pedagógico. Para Freire o homem é sujeito histórico em construção, e a história é possibilidade dinâmica de esperança. Ao considerar a educação um compromisso com a liberdade do indivíduo, em seu mais amplo sentido (físico e espiritual), e com a construção coletiva da realidade, diferenciando a educação bancária (a tradicional) da educação problematizadora (educação revolucionária), deve-se considerar, também, a realização da síntese permanente da reflexão-ação, teoria-prática, investigação-educação, como forma de superar a relação de opressão no processo educativo (BOSSLE, 2003, p. 18).

O professor comprometido com o valor da aprendizagem, na visão de Freire (2008), não pode contentar-se com a educação bancária, ou seja, não deve limitar-se apenas à transmissão de conteúdos que possam ser assimilados e arquivados pelos alunos. Deve, muito além disso, despertar no aluno a consciência crítica e um maior discernimento acerca das questões sociais.

Defendo aqui a importância de pensar a escola como um ambiente de produção de cultura no qual o esporte seja vivenciado como outras possibilidades que não só o esporte de rendimento. Assim, a escola desconstruirá os conceitos agregados ao esporte, como a exclusão de sua prática, à qual a ampla maioria dos alunos é submetida e com as ideias de rendimento e performance que predominantemente orientam o seu ensino na escola.

Nesse sentido, cabe salientar a abordagem de Freire (2005) a respeito das atividades dentro de uma perspectiva lúdica, a qual, segundo o autor, é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. A promoção de atividades lúdicas, sejam elas individuais ou grupais, oportuniza situações privilegiadas que conduzem à aprendizagem e ao desenvolvimento pessoal, social e cultural, produzindo conhecimentos e experiências que se incorporarão à vida do aluno, abrindo-lhe possibilidades de ser livre e de tomar decisões de acordo com a sua própria consciência (FREIRE, 2005).

A escola é o lugar destinado a garantir a todas as crianças e adolescentes

condições de construção do conhecimento. As aulas de Educação Física a serem desenvolvidas também devem apresentar tal direcionamento, colaborando, assim, para a construção dos conhecimentos, imprescindível ao desenvolvimento integral do cidadão.

Coletivo de Autores (1992) ressalta que a escola, na perspectiva da pedagogia crítica, deve fazer a seleção de conteúdos da Educação Física, a qual deverá seguir uma organização prévia que acrescente coerência entre a prática e cada objetivo proposto, ou seja, que os conteúdos ministrados nas aulas sirvam como ferramentas utilizadas para atingir os objetivos. A definição dos conteúdos deve ter relação com a realidade na qual o professor e os estudantes estão inseridos, bem como o que levou à necessidade de ensiná-los.

Vago (1996), no artigo “O ‘esporte na escola’ e o ‘esporte da escola’” discute as relações da escola com as práticas culturais de esporte e concorda com Chervel (1990), afirmando que a escola pode problematizar o esporte como fenômeno sociocultural, construindo um ensino que se confronte com aqueles valores e códigos que o tornaram excludente e seletivo, dotando-o, dessa forma, de valores e códigos que privilegiem a participação, o respeito à corporeidade, ao coletivo e ao lúdico.

Torna-se necessário que muitos professores estabeleçam uma revisão de suas ações pedagógicas, enfatizando nelas principalmente o prazer e a motivação pelo processo de ensino e aprendizagem nas aulas de Educação Física escolar.

Nessa perspectiva, Darido (2011, p. 26) afirma:

No conteúdo esporte, manifestado por algumas modalidades, objetiva-se que o aluno, além de aprender a praticá-lo para usufruir dessa atividade em momentos de lazer, também seja capaz de entender qual o tipo de movimento está realizando ou quais grupos musculares estão sendo requisitados para execução dos diferentes gestos motores ou qual a representação do significado social desses movimentos. Além disso, espera-se que quando ele estiver assistindo a determinado evento esportivo, possa ter condições de atribuir um olhar crítico àquela atividade não seja somente um consumidor passivo de transmissões esportivas realizadas pela televisão.

Este primeiro capítulo do referencial teórico foi destinado a pensar a escola e a educação na perspectiva de Paulo Freire e entrou em discussões acerca de uma proposta pedagógica para a Educação Física escolar centrada no sujeito, na

formação do ser crítico e atuante. No subcapítulo seguinte, abordarei as leis e diretrizes que regem a educação e a Educação Física escolar e, após discutirei aspectos relacionados à disciplina e ao papel do professor no ensino de Educação Física.

2.2 Leis e Diretrizes

2.2.1 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

Ao falarmos sobre educação, é necessário abordarmos as leis que orientam a sua base conceitual, bem como a sua prática. Quando falamos em nível de Brasil, devemos considerar a Lei nº 9.394, que é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, criada em 20 de dezembro de 1996.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (1996, p. 1):

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Esta mesma Lei ainda estabelece, em seus artigos iniciais, os princípios que devem servir como base para o ensino. Entre eles, estão a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; o respeito à liberdade e o apreço à tolerância (DB, 1996).

A Lei nº 9.394/96 dispõe para a Educação Básica, em seu artigo 26, que os currículos do Ensino Fundamental e Médio devem seguir uma base comum em todo o país. Esta base deve ser complementada, em cada sistema de ensino, por uma parte diversificada, de acordo com as características regionais e locais da comunidade.

Encontramos na LDB, de forma explícita, a obrigatoriedade da Educação Física em toda a Educação Básica. Porém, a Lei não menciona qual profissional é responsável pela aplicação da matéria. Por outro lado, o Conselho Federal de

Educação Física (Confef) afirma em seu estatuto que as atividades físicas devem ser ministradas por profissionais graduados em Educação Física. O Confef ainda considera exercício ilegal da profissão ministrar a disciplina sem ser profissional da área. As atribuições do profissional de Educação Física estão descritas no capítulo 2, artigo 8, do estatuto:

Compete exclusivamente ao profissional de Ed. Física, coordenar, planejar, programar, prescrever, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, orientar, ensinar, conduzir, treinar administrar, implantar, implementar, ministrar, analisar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como, prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividades físicas, desportivas e similares (LDB, 1996, p. 2).

2.2.2 Parâmetros Curriculares Nacionais

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apresentam possibilidades de como ministrar as aulas de Educação Física. Conforme os PCNs, a Educação Física escolar dispõe de inúmeras possibilidades para a aprendizagem, entre elas as situações de jogo coletivo, os exercícios de preparação corporal, de aperfeiçoamento, de improvisação, a imitação de modelos, a apreciação e discussão, os circuitos, as atividades recreativas. São várias técnicas e todas devem ser utilizadas como recursos para a aprendizagem.

Os PCNs sugerem uma alteração de enfoque nas aulas dessa disciplina, ou seja, uma quebra de paradigma: a substituição das aulas tradicionalmente desenvolvidas centradas no jogo, no esporte espetáculo, para uma atividade na qual o conteúdo não seja um mero fim, mas sim um meio que, desenvolvido, proporcione aos alunos condições de desenvolver suas capacidades e potencialidades.

Por meio da percepção da diversidade de estilos, dos diferentes tempos de assimilação do conhecimento, dos também diferentes níveis motivacionais, o aluno poderá construir uma atitude mais inclusiva do que seletiva durante as suas próprias aprendizagens, bem como frente à aprendizagem do outro e do grupo. Se por intermédio do desenvolvimento dos conteúdos for estimulada uma rica abordagem de interpretações do mesmo objeto de estudo, como o basquete da NBA frente ao basquete escolar, o basquete no clube e as possíveis alterações nas regras para torná-lo mais cooperativo e menos competitivo, será possível ao aluno ultrapassar um modelo único, muitas vezes seletivo, carregado de valores pré-concebidos, abrindo a percepção para os valores fundamentais para a convivência, para a solidariedade (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, Terceiro e

Quarto Ciclos do Ensino Fundamental, Educação Física, 1998, p. 83).

O Terceiro e o Quarto Ciclo do Ensino Fundamental da Educação Física, descritos nos PCNs, compreendem o período entre o quinto e o sexto ano. As séries que foram bases para esta dissertação, sexto e sétimo anos das escolas municipais de Lajeado, são centradas neste período citado acima.

Pensando na relação entre os objetivos do Ensino Fundamental para os alunos citados nos PCNs, os quais tenham relações mais diretas com a realidade das escolas municipais participantes desta pesquisa, cabe ressaltar ser fundamental o seguinte:

- compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais;

- posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;

- desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;

- questionar a realidade observando problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação;

- saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental, Educação Física, 1998).

Conforme os PCNs, os conteúdos trabalhados na Educação Física durante todo o Ensino Fundamental estão pensados em três blocos: esportes, jogos, lutas e ginásticas; atividades rítmicas e expressivas; e conhecimentos sobre o corpo.

Importante salientar que a organização e o desenvolvimento dos conteúdos

estão relacionados com o Projeto Político Pedagógico de cada escola e respeitam as características de cada realidade ou turma em que estão sendo desenvolvidas as aulas.

O planejamento deve ser construído de forma que todos os alunos possam ter condições de participar das atividades propostas, sempre do mais fácil para o mais difícil.

A característica do trabalho deve contemplar os vários níveis de competência desenvolvidos, para que todos os alunos sejam incluídos e as diferenças individuais resultem em oportunidades para troca e enriquecimento do próprio trabalho. Dentro dessa perspectiva, o grau de aprofundamento dos conteúdos estará submetido às dinâmicas dos próprios grupos, evoluindo do mais simples e geral para o mais complexo e específico ao longo dos ciclos (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental, Educação Física, 1998, p. 67-68).

Essa organização busca definir quais os objetos de ensino e aprendizagem que estão sendo evidenciados para contemplar os conteúdos de forma diversificada e respeitando as possibilidades e necessidades da realidade em que o aluno está inserido. Nos PCNs, as possibilidades de conteúdos indicados são esportes, jogos, lutas e ginásticas; atividades rítmicas e expressivas; e conhecimentos sobre o corpo.

Ao falarmos das atitudes em relação a esportes, jogos, lutas e ginásticas no terceiro e quarto ciclos dos PCNs, destaco algumas que aparecem em evidência para esta pesquisa:

- Aceitação de que “competir” com outros não significa rivalidade, entendendo a oposição como uma estratégia do jogo, e não como uma atitude frente aos demais;
- Predisposição para vivenciar e aplicar os conceitos técnicos e táticos adquiridos;
- Predisposição para participar em jogo esportivo, recreativo, ginásticas, lutas e atividades rítmicas e expressivas;
- Predisposição para criar, transformar e adaptar regras na criação de jogos e atividades que deem prioridade à inclusão de todos;

- Reconhecimento e valorização de atitudes não discriminatórias quanto à habilidade, sexo ou outras, como conduta eficiente para inclusão de todos nas práticas da cultura corporal de movimento;
- Cooperação e aceitação das funções atribuídas dentro do trabalho em equipe (nos jogos, coreografias, mímicas etc.);
- Valorização da cultura corporal de movimento como parte do patrimônio cultural da comunidade;
- Valorização e respeito pelas sensações e emoções pessoais e dos colegas;
- Respeito ao limite pessoal e ao limite do outro;
- Respeito à integridade física e moral do outro;
- Predisposição em cooperar com o colega ou grupo nas situações de aprendizagem (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental, Educação Física, 1998).

Outro ponto abordado está relacionado aos vínculos estabelecidos durante as atividades. Segundo os PCNs, o professor deve ficar atento às relações constituídas pelos alunos durante as atividades propostas, de modo que os participantes estejam suficientemente seguros a compartilhar seus sucessos e fracassos, sintam prazer em realizar as atividades e estejam motivados a superar desafios. É importante que nesse processo o acerto e o erro façam parte do processo de aprendizagem (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental, Educação Física).

Após apresentar alguns pontos da LDB e PCN, passamos agora a abordar o Plano Municipal de Educação e buscar entender o que está sendo pensado na educação municipal, bem como avaliar se a Educação Física está sendo contemplada.

2.2.3 Plano Municipal de Educação e a Educação Física

Quando falo da educação em nível municipal, tenho como base o Plano Municipal de Educação (2015), também conhecido como PME, entre cujas informações constam algumas metas em relação à educação que deverá ser oferecida no município de Lajeado.

O Plano Municipal de Educação - PME é um instrumento de planejamento que estabelece as Metas e Estratégias educacionais. Consiste no propósito do Município em desenvolver um conjunto de estratégias com as quais responderá as demandas educacionais para o decênio 2015-2024 (PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE LAJEADO, 2015, texto digital).

O Plano também cita que a educação proposta deve ser de qualidade e voltada à responsabilidade social, como uma forma de minimizar as desigualdades sociais e culturais, objetivando a erradicação do analfabetismo, a ampliação do nível de escolaridade da população e a qualificação para o trabalho, conforme disposto na Constituição Federal de 1988, na Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional – (LDB nº 9.394/96 e Lei nº 13.005/2014 do Plano Nacional de Educação – PNE (PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE LAJEADO, 2015, texto digital).

No PME, nas 20 metas e suas estratégias, não consta nenhuma estratégia diretamente ligada à Educação Física escolar. O que consta são estratégias para poder oferecer educação em tempo integral, envolvendo esporte no turno inverso. Podemos elencar:

- fomentar a articulação da escola com os diferentes espaços educativos, culturais e esportivos e com equipamentos públicos, como centros comunitários, bibliotecas, praças, parques, museus, teatros, cinemas e planetários (PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2015, p. 19, texto digital);

- adotar medidas para otimizar o tempo de permanência dos alunos na escola, direcionando a expansão da jornada para o efetivo trabalho escolar, combinado com atividades recreativas, esportivas e culturais (PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2015, p. 20, texto digital);

- organizar, a partir de um tempo e um espaço diferenciado, uma escola que vise à formação integral do educando, considerando suas potencialidades e necessidades (PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2015, p. 20, texto digital).

O ponto que ressalta a prática esportiva é a Meta 7, abaixo transcrita:

Garantir o acesso dos alunos a espaços para a prática esportiva, a bens culturais, artísticos e ambientais, a equipamentos e laboratórios de ciências e, em cada edifício escolar, garantir a acessibilidade às pessoas com deficiência (PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2015, p. 24, texto digital).

2.3 Ensino de Educação Física

Para iniciar a abordagem do processo de ensino e aprendizagem na Educação Física, é importante analisar os espaços nos quais as atividades esportivas estão sendo desenvolvidas. Pode-se delimitar tais espaços como ambientes formais de ensino (escola) e ambientes não formais de ensino (clubes, academias). No espaço não formal, cabe citar as atividades realizadas em clubes e equipes cujo objetivo principal é o rendimento. Nestes espaços, a proposta pedagógica terá como ênfase o rendimento, a produtividade de seus participantes e, conforme a faixa etária, avançam também as exigências. No espaço formal de ensino considero as escolas.

Conforme Kunz (2000), onde a organização da situação educativa é formal, o profissional de Educação Física deve propiciar uma compreensão crítica das atividades esportivas, tendo como objetivo não somente melhorar sua prática esportiva, mas sobretudo despertar no aluno a autonomia para que ele possa refletir e definir de que forma pode conviver com o esporte.

A Educação Física vive um momento de discussão acerca de perspectivas pedagógicas do processo de ensino e aprendizagem do esporte. Propostas centradas nos fundamentos, situações de jogo e rendimento de seus participantes conflitam com propostas centralizadas no desenvolvimento do ser humano, com um enfoque essencialmente educativo, vivenciando os significativos aprendizados presentes nas práticas do esporte. Kunz (2000) propõe o seguinte questionamento: sob quais condições e de que forma o esporte deve e pode ser praticado na escola?

Nas aulas de Educação Física, o jogo coletivo torna-se rica possibilidade de aproximação entre os praticantes, aproximação que ocorre de forma significativa pois é assim que a criança vivencia o jogo.

O fenômeno esporte é uma representação simbólica da vida, de natureza educacional, podendo promover no praticante modificações tanto na compreensão de valores como de costumes e modo de comportamento, interferindo no desenvolvimento individual, aproximando pessoas que têm, neste fenômeno, um meio para estabelecer e manter um melhor relacionamento social (PAES, 1998).

A Educação Física como prática pedagógica em muitas escolas é baseada em uma concepção tradicional relacionada ao ensino tecnicista de algumas modalidades esportivas, com ênfase na reprodução dos movimentos técnicos e táticos. Isso se deve à grande influência do esporte de rendimento nas aulas de Educação Física, determinada por atividades altamente competitivas, enaltecidas da figura do vencedor. Conforme Kunz (2000, p. 63), “o conceito de esporte que se vincula hoje à Educação Física é um conceito restrito, pois se refere apenas ao esporte que tem como conteúdo o treino, a competição, o atleta e o rendimento esportivo”.

É importante abrir espaço para a discussão com os estudantes sobre novas possibilidades de práticas esportivas, não negar os princípios do esporte de rendimento, mas sim construir práticas esportivas pautadas em princípios como a inclusão, a coeducação, a cooperação e a ludicidade. Kunz (2000) sugere, no esporte, a possibilidade de execução do movimento sem obrigatoriedade de rendimento, desenvolvendo para o praticante uma forma livre de movimentos em diferentes contextos e formas, com prazer e alegria, e, realizado de forma bem sucedida, seria alcançado rendimento necessário, mas não obrigatório.

Com a exacerbação do espírito competitivo do esporte escolar, as técnicas esportivas e o próprio esporte foram elevados à condição de finalidade. Conforme Bracht (1987, p. 185):

Já não existe espaço para a discussão sobre as normas do esporte, para a criação no esporte (adaptar o esporte à realidade social e cultural do grupo = criação cultural); já não existe mais espaço para valores como o coletivismo (ações que priorizem o bem comum, o coletivo ao individual).

Com o intuito de problematizar a realidade retratada por Kunz e Bracht, pretendo trazer à discussão conceitos que levem a uma reflexão e à construção de novos paradigmas para a Educação Física. Busco apoio na perspectiva de Darido (2004), que afirma que “é de suma importância que valorizemos conteúdos que

proporcionem a valorização de conceitos, valores e atitudes, todos no mesmo nível de importância”. A prática da Educação Física nas escolas possui uma amplitude maior do que o mero ensino e aprendizagem de modalidades esportivas. Precisamos de ações nas quais o aluno, no momento da vivência, possa identificar o objetivo ou a finalidade do que está sendo executado.

Ainda alicerçado em Darido (2001), a Educação Física, assim como os demais componentes curriculares, deve propiciar ao aluno o exercício da cidadania, buscando, durante a prática pedagógica, a formação do aluno crítico, direcionado para a conquista da sua autonomia por meio do conhecimento, da reflexão e da transformação da cultura corporal do movimento.

As aulas de Educação Física nas quais o esporte tem uma ênfase no ser humano e suas vivências em atividades e jogos tem como objetivos proporcionar o desenvolvimento integral do aluno. A aprendizagem esportiva no ambiente escolar procura estabelecer uma função educacional na qual a trajetória percorrida pelo aluno nas aulas acaba por estabelecer inúmeras possibilidades, principalmente se considerarmos a convivência saudável com regras. A diversidade de situações proporcionadas pelo esporte possibilita um enriquecimento de experiências na história de vida de cada aluno.

Stigger (2009) enfatiza que o esporte é praticado de maneira espontânea em locais diferentes, seja como atividade de integração ou competição. Sendo assim, fica sob responsabilidade da escola e dos docentes o importante papel de desenvolver a percepção do esporte como prática social, tarefa esta destinada aos professores dessa disciplina em sua prática pedagógica cotidiana.

A preocupação com um olhar diferenciado em relação ao esporte na escola é marca do curso de Educação Física da UNIVATES, que vem acompanhando as discussões do assunto na área. Os acadêmicos destacam nas disciplinas dos esportes coletivos as reflexões, vivências e ações metodológicas que buscam repensar os valores do esporte de rendimento em relação à Educação Física escolar. Ao recordarem as aulas dos esportes coletivos na graduação, prevalecem as preocupações em relação à inclusão, respeito mútuo, cooperação, em detrimento da ênfase na competição. Esta concepção foi detectada no momento em que lhes foi

perguntada a forma como concebem o ensino do esporte na escola. A ênfase dada aos conteúdos atitudinais sobressaiu em relação ao processo de ensino-aprendizagem dos fundamentos técnicos específicos de cada esporte (NEUENFELDT e PACE, 2007).

Sendo o professor de Educação Física o responsável por conduzir este processo, ser mediador na construção do conhecimento, o próximo capítulo abordará seu papel na escola, sua participação na construção do PPP, da proposta pedagógica e sua atuação docente.

2.4 Papel do professor

O papel designado ao professor é importante quando falamos de educação. Para que ele consiga desempenhá-lo com o melhor aproveitamento possível, atingindo os objetivos designados aos diferentes níveis escolares, é necessário ter em mente suas responsabilidades como mestre: participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; elaborar e cumprir plano de trabalho segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; zelar pela aprendizagem dos alunos; colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade (LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, 1996, texto digital).

Ao falar dos professores e de suas responsabilidades no processo de ensino e aprendizagem, é importante trazermos considerações sobre o professor e seus saberes, como, por exemplo, quais as representações que estão ligadas a esses saberes, com quem estão conectadas. Conforme Tardiff (2002, p. 15):

O saber dos professores não é o foro íntimo povoado de representações mentais, mas um saber sempre ligado a uma situação de trabalho com outros (alunos, colegas, pais, etc.), um saber ancorado numa tarefa complexa (ensinar) situado num espaço de trabalho (a sala de aula, a escola) enraizado numa instituição e numa sociedade.

O saber dos professores deve ser compreendido em íntima relação com o seu trabalho na escola e na sala de aula. O saber está a serviço do trabalho. Isso significa que as relações dos professores com os saberes nunca são relações estritamente cognitivas: são relações mediadas pelo trabalho que lhes fornece

princípios para enfrentar e solucionar situações cotidianas (TARDIFF, 2002, p. 17).

No entendimento de Tardiff (2002, p. 39):

Os professores, no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Esses saberes brotam da experiência e são por ela validados. Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob forma de *habitus* e de habilidades, da saber-fazer e de saber-ser. Podemos chamá-los de saberes experienciais ou práticos.

O professor, partindo do seu conhecimento, dos seus saberes e da realidade em que está inserido, deve ter condições de propor, em suas aulas, ações pedagógicas que proporcionem a construção de conhecimento, fazendo uso de metodologias que propiciem momentos de prazer e alegria.

Ao refletir sobre o que é ser docente, busco nos estudos de Nóvoa (2009) algumas ideias, quando apresenta cinco dimensões essenciais. A primeira dimensão é o conhecimento por meio de práticas docentes que conduzam os alunos à aprendizagem. Nóvoa define o conhecimento como final de um processo, e coloca o professor como mediador da aprendizagem. A segunda dimensão abordada, a cultura profissional, é entendida por Nóvoa (2009) como o compartilhar com colegas docentes. Troca de experiências relativas ao registro de práticas, reflexão sobre o trabalho, exercício da avaliação são discussões centrais para o fomento da inovação na prática docente.

A terceira dimensão citada por Nóvoa (2009) é o tato pedagógico, caracterizado, pelo autor, como pertencente à dimensão pessoal e essencial para a vida profissional docente. Ele conceitua esta disposição como uma capacidade de relação e de comunicação, capaz de conquistar, por meio de postura respeitosa, a audiência para o aprendiz.

A quarta dimensão é o trabalho em equipe, definido por Nóvoa como a ênfase nas dimensões coletivas e colaborativas, do trabalho em equipe, da intervenção conjunta nos projetos educativos da escola. Essa cultura colaborativa não está somente na escola, mas também deve ser buscada além das fronteiras organizacionais, perfazendo movimentos pedagógicos. E, por último, o compromisso social, que anuncia como a escola hoje precisa que o professor ultrapasse os muros da mesma e busque uma intervenção no espaço público da educação.

O professor de Educação Física, na qualidade de promotor do processo de ensino e aprendizagem, ao inserir jogos e brincadeiras em suas aulas, deve ser capaz de interpretá-los e encontrar neles qualidades pedagógicas pertinentes, as quais devem adequar-se à sua metodologia e a seus princípios (RIZZI; HAYDT, 2007).

Na visão de Falcão (2003), mais importante que o conteúdo proposto ao aluno nessas aulas é a metodologia que o profissional utilizará para ministrar as teorias e práticas acerca deste conteúdo, uma vez que, além de proporcionar a construção de conhecimento, deve criar estratégias para que essas atividades sejam realizadas com prazer e alegria.

Neuenfeldt (2008) enfatiza que o professor deve ensinar Educação Física com o objetivo de ensinar esporte para todos, respeitando o desenvolvimento do aluno, suas habilidades e limitações. Nesse ambiente construído, o aluno se sentirá realizado, pois participará das atividades propostas, o que despertará gosto e interesse pela Educação Física, evitando, assim, a aversão à prática esportiva.

Outro ponto a ser valorizado é a confiança nos alunos, ou seja, aqueles professores que acreditam que os alunos podem progredir são professores que veem os alunos como eles são, e não como eles deveriam ser. Esses professores são os que partem do nível em que os alunos estão, e não aqueles que não param para medir a diferença entre aluno ideal e o aluno de sua sala.

Para que a criança tenha a motivação necessária para desenvolver as atividades propostas em aula, é primordial que o professor diversifique as suas ações pedagógicas, objetivando sempre um ambiente leve e descontraído. Sendo assim, oportunizará a aprendizagem, além de promover uma maior interação entre a escola, o professor e a criança.

2.5 Basquetebol nas aulas de Educação Física

O estudante participante das aulas de Educação Física não necessita de especialidade física, técnica e tática no jogo de basquetebol na escola. O importante no ambiente escolar é que o professor construa possibilidades nas aulas de

Educação Física para que o aluno se familiarize com o jogo e tenha autonomia para conviver com a modalidade esportiva que melhor lhe convier.

Paes, Montagner e Rodrigues (2009) falam sobre uma perspectiva inovadora da pedagogia do esporte: uma ênfase no olhar socioeducativo. Segundo os autores:

Na perspectiva socioeducativa caberá lidar com valores, princípios e modos de comportamento, centrando sua atenção em compreender e possibilitar a medida em que o esporte, num mundo marcado pela indiferença, pelo egoísmo, pelas relações superficiais e pelo individualismo, poderá influenciar na transformação desse contexto e contribuir para a vida do aluno/jogador enquanto indivíduo mais crítico, ético, cooperativo, autônomo, tolerante, consciente de seus direitos e responsável por seus deveres como cidadão (PAES, MONTAGNER E RODRIGUES, 2009, p. 3).

Segundo Balbino e Paes (2005), a aprendizagem do jogo de basquetebol deve ir além dos fundamentos em suas execuções analíticas, combinadas e aplicadas em situações de jogo, isto é, deve caminhar na direção do desenvolvimento do ser humano. A transposição dos métodos de ensino dos clubes utilizada para as escolas mostrou não ser eficaz, pois temos realidades completamente diferentes nestes dois espaços. Nos clubes, geralmente encontramos um grupo seleto de alunos, com biotipo físico e habilidades técnicas para o esporte e que, geralmente, está buscando a atividade por interesse próprio. No caso específico do basquetebol, nestes espaços dispõe-se de materiais em grande quantidade e qualidade. Além disso, realizam-se treinos com duração apropriada à exigência do rendimento; há quadras e tabelas de última geração, as quais, além de qualificarem o trabalho, são um atrativo para os praticantes. Esta, entretanto, não é a realidade escolar, que se caracteriza por turmas com grande número de alunos, espaços pequenos e não apropriados à vivência da prática, pouco material e tempo de aula reduzido.

A proposta pedagógica utilizada no esporte voltado ao rendimento (clubes e equipes) não é compatível com os objetivos educacionais da escola. O produto final da utilização da mesma metodologia na escola será a exclusão, o privilégio de uma minoria e alunos com desinteresse total na aprendizagem do basquetebol.

Na escola, o ensino do basquetebol deve estar atrelado à concepção de cultura corporal de movimento; a modalidade não deve ser abordada somente de maneira procedimental (o saber fazer), e o aluno deve ser considerado como sujeito

ativo do processo.

Entende-se que a criança não necessita de elementos que lhe deem especialidade quanto aos aspectos técnicos, táticos ou físicos do jogo de basquetebol, mas que a familiarizem com esses aspectos. Isso porque se acredita que o interesse da criança está mais próximo de jogar livremente, experimentar o jogo, conhecer e criar movimentos, conviver e brincar com outras crianças (BALBINO; PAES, 2005).

A iniciação, na escola, de esportes como o basquetebol deve ser pensada de forma lúdica pelos professores, possibilitando aos alunos a participação e o desenvolvimento de suas habilidades de forma espontânea. Nessa perspectiva, os alunos realizam movimentos e fundamentos não visando serem melhores que o outro ou com objetivo de maior rendimento, mas sim, de forma lúdica, aprendendo e se divertindo. Nessa forma lúdica de ministrar as modalidades esportivas, os alunos se sentirão mais motivados, e o processo para desenvolver habilidades motoras será facilitado (ANDRADE; SANTANA, 2013).

Balbino e Paes (2005) defendem que a iniciação na modalidade de basquetebol deve ter uma proposta pedagógica centrada em quatro pontos: diversidade, inclusão, cooperação e autonomia. Na sua obra, os autores abordam a diversidade como um fator de aquisição de habilidades motoras, percepção e elaboração de respostas aos problemas apresentados. Esta proposta baseia-se na pluralidade de movimentos e na diversidade de situações-problema, agindo como um facilitador no processo educativo.

Outro ponto abordado por Balbino e Paes (2005) é a inclusão, sendo esta de fundamental importância. Planos de aula estruturados com atividades e exercícios, jogos ou brincadeiras excludentes não fazem parte da proposta. Os autores ainda ressaltam que o professor de Educação Física deve assegurar a todas as crianças a possibilidade da iniciação esportiva, independente do tipo físico.

Viver em grupo, respeitar os colegas, valorizar a participação de todos na realização de uma tarefa são aspectos fundamentais para uma boa convivência na sociedade atual. Baseados nesta premissa, os autores salientam a importância de enfatizarmos no processo de aprendizado do basquete a cooperação. Segundo

Balbino e Paez (2005, p. 19), “os jogos coletivos – no caso o basquetebol – seguramente constituem-se em práticas e ambientes favoráveis para a melhor compreensão do significado da cooperação”.

E, por último, temos a autonomia: a vivência nas atividades desenvolvidas deve possibilitar ao aluno o contato com o basquetebol da forma que desejar. Este é um momento no qual está sendo propiciada aos envolvidos a tomada de decisões.

Balbino e Paes (2005, p. 26) afirmam que:

“O ensino do esporte na Escola sugere que tenhamos cada vez mais perspectivas pedagógicas com natureza educacional, sendo necessário agregar às propostas os seguintes princípios: participação: é preciso jogar para aprender; cooperação: é preciso ‘jogar com’ ao invés de ‘jogar contra’; co-educação: aluno e professor devem jogar juntos; convivência: é preciso jogar respeitando as diferenças”.

Orientados pelos princípios citados pelos autores, estaremos proporcionando aos alunos a construção do conhecimento no basquetebol, paralelo à aquisição de valores pessoais. O aluno aprenderá a viver em grupo e o esporte despertará o espírito de coletividade, o respeito aos colegas, às diferenças, bem como outro ponto fundamental na vida atual: vivenciar a importância da cooperação e da inclusão.

Buscando entender o surgimento do basquetebol, modalidade que é a base do estudo desta dissertação, no próximo subcapítulo apresento o histórico do basquetebol em quatro dimensões: Mundo, Brasil, Rio Grande do Sul e Lajeado.

2.6 História do basquetebol

O basquetebol foi criado pelo canadense James Naismith no final de 1891, na cidade americana de Springfield, estado de Massachusetts. A criação desse jogo foi baseada em três motivos principais. Um deles: a necessidade de incentivar a prática de atividade física pelos alunos da Associação Cristã de Moços (ACM). O diretor da escola, Luther Halsey Gullick, percebeu que os alunos começavam a mostrar sinais de desmotivação diante da monotonia das aulas de Educação Física. Aliado a isto, havia a necessidade de criar uma atividade física que pudesse ser realizada em local coberto devido ao rigoroso inverno daquela região americana. Por fim, havia

também a necessidade de desenvolver um tipo de jogo sem violência, o qual pudesse ser praticado por um grande número de pessoas ao mesmo tempo. Diante de todas estas necessidades, o novo jogo, o basquetebol, veio a suprir as demandas existentes (DE ROSE JR; FERREIRA, 2010).

O nome basquetebol foi adaptado do termo em inglês *basketball*, que se originou do fato de serem utilizados cestos de pêssigo (*basket* = cesto; *ball* = bola) como alvos para os quais era lançada a bola. Tais cestos foram colocados a uma altura de mais ou menos três metros do solo.

Após criar o novo jogo, o professor James se propôs a apresentá-lo aos seus alunos. Havia 18 alunos e, destes, dois foram selecionados para serem capitães (Eugene Libby e Duncan Patton). Os dois então escolheram os lados da quadra e os companheiros de equipe. O professor escolheu dois alunos mais altos, um de cada equipe, e jogou a bola para o alto, dando início à primeira partida de basquetebol. Sabe-se que essa partida aconteceu em dezembro de 1881, pouco antes do Natal. Ela foi marcada por muitas faltas, que eram punidas colocando-se os autores na linha lateral da quadra até que a próxima cesta fosse feita. Outro aspecto interessante era a própria cesta, pois, cada vez que um arremesso era convertido, um jogador tinha que subir até a cesta para apanhar a bola, já que as cestas de pêssigo eram fechadas no fundo. A solução encontrada mais tarde foi cortar a base dos cestos (FEDERAÇÃO GAÚCHA DE BASKETBALL, 2014, texto digital).

A criação do novo jogo despertou um grande interesse nos alunos da ACM, e o jogo difundiu-se rapidamente. Em 1891, na revista Triangle, da YMCA, sob o título “Um novo jogo”, foram publicadas as primeiras regras do basquetebol. Elas eram bem simples e objetivas: não era permitido correr com a posse da bola; não era permitido utilizar os pés: os lançamentos deveriam ser feitos com as mãos; não era permitido segurar o adversário (DE ROSE JR; FERREIRA, 2010).

Conforme Gallati (2007), após a aprovação da diretoria do Springfield College, a primeira partida oficial foi realizada no ginásio Armory Hill, no dia 11 de março de 1892. Os alunos venceram os professores pelo placar de 5 a 1, na presença de aproximadamente 200 pessoas. Em seguida, no ano de 1893, o jornal Springfield Republican noticiou a realização do primeiro jogo feminino.

Inicialmente, o número de jogadores variava entre três e quarenta atletas em cada equipe. Apenas no ano de 1897 foi fixado o número de cinco jogadores em cada equipe, em virtude dos problemas causados pelos espaços nos quais o jogo era praticado.

A Federação Internacional de *Basketball* Amador (FIBA) foi criada em 18 de junho de 1932, ao final de uma conferência de basquete que reuniu representantes de vários países. Porém o reconhecimento e a autonomia da FIBA só foram concedidos em 1º de setembro de 1934, quando o presidente da IAHF assinou o documento oficial da criação da entidade. Desde sua fundação, a Federação Internacional de Basketball já teve três sedes, sendo a primeira delas em Roma. Em 1940, mudou-se para Berna, na Suíça, e só em 1956 firmou sua sede em Munique, na Alemanha.

No Brasil, o basquetebol foi introduzido no ano de 1896, pelo norte-americano Auguste F. Shaw, nascido na cidade de Clayville e bacharel em artes pela Universidade de Yale, quando foi convidado para lecionar no Colégio Mackenzie, em São Paulo. Inicialmente, o “novo esporte” foi apresentado para as mulheres, que imediatamente o aprovaram. Esse fato retardou a difusão do basquetebol entre os homens por causa dos valores machistas que reinavam na sociedade brasileira naquela época. Além disso, havia a concorrência com o futebol, que havia sido introduzido no Brasil em 1894 e já se tornara o preferido entre os homens (BRAUNER, 2010).

O professor Shaw conseguiu montar, em 1896, a primeira equipe de basquetebol no Mackenzie College, que contou com os seguintes atletas: Horácio Nogueira, Edgar de Barros, Pedro Saturnino, Augusto Marques Guerra, Theodoro Joyce, José Almeida e Mário Eppinghaus (Confederação Brasileira de Basketball).

Posteriormente, o esporte foi introduzido também na Escola Normal da Praça (Instituto Caetano de Campos) e na ACM de São Paulo. O Brasil foi o primeiro país da América do Sul a conhecer o basquetebol. Apesar disso, podemos constatar que da criação do esporte até o ano em que ele foi introduzido no Brasil se passaram cinco anos

No Rio de Janeiro, na Escola Nacional de São Paulo, o “novo esporte” teve

aceitação nacional através do professor Oscar Thompson. Em 1912, em um ginásio do centro da cidade, aconteceram os primeiros torneios de basquete. Alguns anos mais tarde, em 1915, a Associação Cristã de Moços promoveu o primeiro torneio da América do Sul, com a participação de seis equipes. Somente em 1925 aconteceu o primeiro campeonato brasileiro de basquetebol.

O ano de 1933 foi importante para o basquetebol, pois houve uma cisão no esporte nacional. Muitos clubes que adotaram o profissionalismo do futebol criaram entidades especializadas de vários outros desportos. Fundou-se, assim, a Federação Brasileira de *Basketball*, em 25 de dezembro de 1933, no Rio de Janeiro. Mais tarde, em 1935, esta passou a ser filiada à Federação Internacional de Basquetebol Amador (FIBA). Adiante, em 1941, a FBB passou a ser denominada Confederação Brasileira de *Basketball* (CBB).

Conforme o site da Federação Gaúcha de Basketball, os historiadores dizem que o esporte foi introduzido no Rio Grande do Sul em 1914, por Frank Long, da ACM (Associação Cristã de Moços). No ano seguinte, o jornal Correio do Povo publicava na coluna intitulada “Sportivas”, noticiando que no dia 11 de fevereiro acontecera o Campeonato de Basketball entre os clubes coligados à Liga Metropolitana de Sports Atléticos.

Os anos de 1934 e 1935 foram marcantes para o basquetebol no estado, pois a nossa delegação foi bicampeã nacional disputando o Campeonato Brasileiro, organizado pela então CBD (Confederação Brasileira de Desportos). A equipe representante do RS era treinada por Amaro Júnior e contava com os seguintes atletas: Viana, Ruta, Evaldo, Vili Milucha, Miluchinha, Sapo, Teodoro, Nino e Ferrarri.

A partir da década de 1940, o Brasil sofreu grande influência da cultura americana. Com isto, acredita-se que as práticas esportivas relacionadas com os Estados Unidos, entre elas o basquetebol, tiveram maior ascensão no nosso estado. Na década seguinte, em 1950, o basquetebol já se tornava uma das práticas esportivas preferidas da população (BRAUNER, 2010).

Em meados dos anos de 1920, a população de Porto Alegre, capital do RS, passou a utilizar seu tempo livre nos espaços públicos, como praças e parques, para práticas culturais e de lazer, dentre elas a esportiva. Partindo deste novo significado

que a população tinha atribuído aos espaços públicos de lazer, a Prefeitura de Porto Alegre passou a denominar alguns deles de Praças de Desporto, nas quais disponibilizava instrutores de Educação Física que estimulavam a prática corporal e esportiva. Esse fato foi importante para a massificação de alguns esportes na capital, já que tornavam o acesso a eles mais fácil do que nos clubes, que eram fechados, exclusivos aos descendentes europeus (BRAUNER, 2010).

Destacamos o ano de 1952 como um ano marcante na história do basquetebol gaúcho: no dia 18 de abril, foi fundada a Federação Gaúcha de Basketball – FGB. A entidade foi criada na capital gaúcha pelo primeiro presidente, Sr. José Carlos Daut, com apoio de 22 clubes fundadores, que são os seguintes: Petrópole Tênis Clube, Cruzeiro, Liga de Santa Maria (6 clubes), Florida, Juventude Esportiva, Grêmio Futebol Porto Alegrense, Grêmio Náutico Gaúcho, Sport Clube Internacional, Liga de Rio Grande (3 clubes), SOGIPA, G.E. do Carmo de Caxias do Sul, G.A Lajeadense, Sociedade de Ginástica de Estrela, Mesbla Clube, Corinthians Porto Alegrense, C.R. Vasco da Gama, S.G. Santa Cruz, S.R. dos Veteranos do SESC, Aeroclube de Santo Ângelo, Liga Cachoeirense (2 clubes), Inca e Irajá Atlético Clube (Federação Gaúcha de Basketball).

Inicialmente, a FGB foi presidida pelo Sr. José Carlos Daut (*in memorian*). Em seguida, entre os anos de 1994 a 2009, o cargo competia ao Sr. Carlos Boaventura Corrêa Nunes. De 2009 a 2012, o presidente foi o Sr. Gilson Hermann Kroeff, sendo o presidente atual o Sr. Rogério Carbelon.

O basquetebol em Lajeado iniciou em 1955, com a fundação do Clube Atlético Ubirajá. Fundado pela família Dresch e amigos, o Clube tinha o intuito de formar uma equipe com o objetivo de buscar a integração, diversão e participação em competições de basquetebol (CLUBE ATLÉTICO UBIRAJÁ, 2014, texto digital).

Na trajetória do basquetebol lajeadense, temos um divisor de águas, que é ano de 1997, com a criação da parceria do Colégio Evangélico Alberto Torres e o Clube Atlético Ubirajá: surge então o CEAT/BIRA. A partir desse momento, temos um crescimento do basquetebol em Lajeado iniciando no ano de 1999: o CEAT/BIRA torna-se referência no Rio Grande do Sul, com inúmeros títulos, e seus atletas compõem as seleções gaúchas, culminando com a conquista do Campeonato

Brasileiro de Seleções Infanto-Juvenil em 2001 (CLUBE ATLÉTICO UBIRAJÁ, 2014, texto digital).

Com a entrada do CEAT no cenário esportivo da modalidade, o basquetebol começa ter uma inserção na escola, o que influencia dois aspectos: o basquetebol começa a ter um espaço maior como conteúdo nas aulas de Educação Física, e – em razão do desenvolvimento do projeto social realizado nas escolas municipais de Lajeado, em parceria com a Prefeitura Municipal de Lajeado – aumenta o número de alunos que começa a conhecer essa modalidade esportiva.

O projeto social é realizado nas Escolas Municipais de Lajeado, no turno inverso ao das aulas regulares. As atividades são realizadas uma vez por semana, com aulas de 90 minutos de duração. Essas atividades visam ocupar o tempo livre das crianças e adolescentes envolvidos, despertar o gosto pela prática esportiva, desenvolver valências físicas, valores éticos e morais. Além disso, objetiva-se também detectar futuros talentos esportivos, buscando agregá-los às equipes de competição do CEAT/BIRA. Os professores ministram fundamentos técnicos, atividades recreativas, atividades competitivas e o jogo propriamente dito. Hoje, o projeto está sendo realizado em dois núcleos, porém em anos anteriores já houve cinco núcleos.

Como os participantes desse estudo são professores das Escolas Municipais de Lajeado, esse projeto realizado no turno inverso constitui um diferencial para que o basquetebol tenha representatividade nas aulas de Educação Física.

2.7 Basquetebol na Escola: estudos acerca da temática

Pensando em conhecer estudos recentes acerca da temática do ensino do basquetebol nas aulas de Educação Física, busquei em bancos de dissertações pesquisas que apresentassem estudos que trouxessem discussões, questionamentos e contribuições à investigação que realizo.

A pesquisa realizada por Severino (2009), em nível de mestrado, apresenta um estudo em que o autor procurou investigar a percepção dos professores acerca do processo de ensino e de aprendizagem do basquetebol nas aulas de Educação

Física em ambiente escolar. Como participantes dessa pesquisa, constavam docentes das instituições públicas e privadas do município de Volta Redonda/RJ/Brasil, em turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Severino (2009) apresentou, nos resultados obtidos, que o desenvolvimento do basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física transcende os limites escolares, e representa significativo papel na sociedade. Nos seus resultados ainda fica evidente que oportunizar o crescimento do basquetebol como conteúdo dessas aulas pode representar um caminho para a descrição da sua aplicação em todos os contextos, embora não se deva abrir mão da relevância da disciplina no cenário escolar em favor da obtenção de resultados em competições esportivas.

O estudo de Guarizi (2001) teve como objetivo apresentar proposta de uma sequência de fundamentos técnicos de iniciação ao basquetebol, sugerindo qual sequência pedagógica deveria ser utilizada no ensinamento dos fundamentos, no início das aulas do ano letivo até a 20ª aula. Nesse estudo, participaram dois grupos de estudantes de duas escolas públicas da rede oficial de ensino da cidade de Presidente Prudente - SP, com sujeitos na faixa etária de 10 a 12 anos, do sexo masculino. O estudo objetivou detectar qual metodologia de ensino apresentava melhores resultados.

Ferreira (2009) apresenta um estudo construído a partir de reflexões e proposições das Novas Tendências em Pedagogia do Esporte aplicada nas Modalidades Esportivas Coletivas. Teve como principal objetivo identificar, investigar e discutir a relevância da utilização de procedimentos pedagógicos no processo de iniciação ao basquetebol. Foram observadas 15 aulas de basquetebol para crianças na faixa etária de 7 a 13 anos de idade, ministradas por 5 professores de Educação Física (3 aulas de cada professor). Foi possível concluir que nas aulas observadas predomina uma Pedagogia Tradicional de ensino do basquetebol e que a compreensão e aplicação dos procedimentos pedagógicos apresentados podem contribuir para a modificação deste quadro.

Após a apresentação do referencial teórico, história do basquetebol, bem como estudos acerca da temática, passamos agora à metodologia, que nos dará

aporte teórico-metodológico de como será realizado o estudo, bem como definição dos participantes, instrumentos de pesquisa e, na sequência, será apresentada a análise de dados.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

3.1 Características do estudo

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de cunho qualitativo. Na pesquisa qualitativa os objetivos são, primeiramente, a descrição, a compreensão e o significado dos achados. Ao buscar dados descritivos, os investigadores qualitativos abordam o mundo de forma minuciosa. Segundo Negrine (1999), a pesquisa qualitativa está centrada na descrição, análise e interpretação das informações que aparecem durante o processo de investigação, procurando entendê-las de forma contextualizada. Na linha de pesquisa qualitativa não há preocupação em generalizar os achados.

Bogdan e Biklen (1994, p. 49) afirmam:

A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo.

Este estudo é de caráter qualitativo, pois tem como objetivo descrever a realidade da Educação Física de um grupo de professores da rede municipal de Lajeado/RS, buscando compreender como está sendo ministrado o basquetebol na Escola e entender os significados dos processos de ensino e aprendizagem para esses professores. Não há intenção de quantificar as respostas ou generalizar os achados, mas sim entendê-los de uma forma contextualizada a partir dos significados atribuídos pelos professores.

3.2 Contexto da investigação

O contexto no qual foi realizada a investigação desta pesquisa é o município de Lajeado, que se situa na Encosta Inferior do Nordeste, parte centro-leste do estado do Rio Grande do Sul. Está inserido na região geográfica do Vale do Taquari, conforme divisão geográfica regionalizada pelo Decreto Estadual nº 40.349, de 11 de outubro de 2000, compreendendo mais outros 35 municípios. Lajeado conta com importantes vias de transporte rodoviário, facilitando o acesso a todos os outros municípios de seu entorno. Sua altitude máxima atinge 386 metros, mas a altitude média é de 65 metros acima do mar (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAJEADO, 2014, texto digital).

Conforme o último censo do IBGE, Lajeado possui 71.481 habitantes, compostos por uma população rural de 265 pessoas e uma população urbana de 71.216 pessoas. Da população total, 37.879 pessoas são do sexo masculino e 48.425 são do sexo feminino.

Lajeado é sede do Clube Atlético Ubirajá (Bira), um dos principais clubes de basquete do Estado. No ano de 2008, disputou na categoria adulta masculina o campeonato Novo Basquete Brasil (campeonato do qual foi um dos fundadores), além de ser Campeão Gaúcho de basquete nos anos de 2006, 2007, 2008, 2011, 2012 e 2013.

O município conta com a Secretaria de Educação (SED), que administra todas as atividades de ensino, merenda e o transporte escolar. A SED tem por competência aplicar políticas de educação para o município em conjunto com as diretrizes dos órgãos e entidades federais e estaduais. É responsável pelas atividades, projetos e programas educacionais, especialmente aqueles relacionados com a Educação Infantil e o Ensino Fundamental (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAJEADO, 2014, texto digital).

A rede municipal de ensino é composta por 18 escolas, que, conforme a SED, foram agrupadas em oito regiões. Essa regionalização foi um arranjo interno da SED para suprir a demanda de trabalhos da 1ª Conferência Municipal da Educação de 2014. A Secretaria responde pelas atividades educacionais e pedagógicas das Escolas Municipais de Educação Infantil (Emeis) e de Ensino Fundamental (Emefs)

e aquisição, distribuição e controle da merenda e do transporte escolar. Mantém uma Equipe de Apoio, com profissionais que atendem às crianças com necessidades educativas especiais. Estão vinculadas à SED, em prédios específicos, 18 Emef's, 23 Emeis e seis instalações onde funcionam os projetos Vida.

3.3 Participantes do estudo

Os participantes deste estudo são seis professores de Educação Física que atuam no Ensino Fundamental, nos 6^{os} e 7^{os} anos nas escolas da rede municipal de Lajeado/RS.

O critério de escolha da amostra foi o seguinte: um professor de Educação Física do Ensino Fundamental que atuasse nos 6^{os} e 7^{os} anos representante de uma escola de cada região. Nas regiões com mais de uma escola ou mais de um professor que atue nestes anos, a escolha da escola e professor participante ocorreu a critério do pesquisador. Procurei contemplar, no mínimo, 2 professores(as) entre os 6 entrevistados com no máximo 10 anos de graduação concluída; no mínimo 2 professores(as) do sexo masculino ou feminino; e também professores com mais de 5 anos de atuação no Ensino Municipal.

Abaixo descrevo os sujeitos participantes desta pesquisa. Utilizarei nomes fictícios para os sujeitos, procurando preservar a identidade dos participantes. A escolha dos nomes ficou a critério deles; em nenhum momento, o pesquisador interferiu neste processo. Inclusive, uma das entrevistadas quis escolher nome e sobrenome, sendo a única do grupo que teve esse critério. Para suas respectivas escolas defini números, conforme a região nas quais estão inseridas, respeitando as suas identidades.

Professor 1 – O professor Augusto teve a sua formação de graduação na Universidade Luterana do Brasil, em Canoas, no ano de 2005, e pós-graduação em Educação Especial, realizada na Dom Alberto, em Santa Cruz do Sul. Ele trabalha há oito anos na rede municipal de Lajeado/RS e, nessa Escola, há sete anos.

Professor 2 – O professor Nico teve sua formação na Universidade de Santa Cruz do Sul, concluindo a graduação no ano de 1999, e fez pós-graduação em

Psicopedagogia na Universidade Castelo Branco. Ministra aula de Educação Física há quatorze anos na rede municipal de Lajeado/RS.

Professor 3 – O professor Gustavo iniciou sua graduação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo, em 1991. Posteriormente ele trancou, vindo a concluir na Univates, Lajeado, no ano de 2007. Ministra aulas de Educação Física há cinco anos na rede pública de Lajeado/RS.

Professor 4 – O professor Eric teve sua formação na Univates, em Lajeado, terminando no ano de 2005. Exerce a função de professor de Educação Física há doze anos e, há nove anos, na rede municipal de Lajeado/RS.

Professor 5 – A professora Vitória teve o início de sua formação na Unisc, em Santa Cruz do Sul, e finalizou na Ulbra, em Canoas, no ano de 2005. . Ministra aulas de Educação Física há nove anos na rede pública de Lajeado/RS.

Professor 6 – A professora Maria da Silva fez sua graduação na Unisc, em Santa Cruz do Sul, finalizando em 1986. Exerce a função de professora de Educação Física há dois anos no município de Lajeado/RS.

3.4 Instrumento para coleta de dados

Como instrumento de coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (apêndice A), gravadas com cada sujeito de pesquisa, neste caso, os seis professores de Educação Física da rede de ensino do município de Lajeado, selecionados para esta investigação. Posteriormente as entrevistas foram transcritas e analisadas.

Na perspectiva de Triviños (1987), a entrevista semiestruturada é aquela que parte de questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, e que, em seguida, oferece amplo campo de interrogativas, junto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

Destaca Negrine (1999, p. 75):

Quando fazemos o uso de entrevistas semiestruturadas, por um lado, visamos garantir um rol de informações importantes ao estudo e, por outro, para dar maior flexibilidade à entrevista proporcionando maior liberdade para o entrevistado, aportar aspectos que, segundo sua ótica, sejam relevantes em se tratando de determinada temática.

A entrevista semiestruturada permite ao entrevistado discursar sobre a temática abordada seguindo as questões previamente formuladas. Ao mesmo tempo, possibilita ao entrevistador explorar e formular perguntas não previstas no roteiro. A entrevista semiestruturada requer do entrevistador perspicácia e habilidade de dialogar.

Salienta Bossle (2003, p. 122):

A entrevista semiestruturada se transforma, portanto, em diálogo entre o pesquisador e o pesquisado. Partindo deste princípio, do diálogo elaborei previamente o roteiro de entrevista, levando em consideração, também, o caráter de flexibilidade da entrevista semiestruturada, que permite aos participantes incluir contribuições relevantes, acrescentar novas questões sobre o estudo, ou reformular determinada pergunta.

Outro instrumento utilizado foi a análise documental. Trata-se de um meio de coleta de informações, pois se refere a uma segunda forma de analisar os dados referentes a esta pesquisa. Os documentos analisados foram o Projeto Político Pedagógico das escolas e o Plano de Ensino da Área. Na análise do Projeto Político Pedagógico, buscamos entender como a escola pensa a Educação Física e qual sua relevância dentro do contexto escolar. Com a análise do Plano de Ensino da disciplina foi possível estabelecer uma linha entre o projeto da escola, as linhas de pensamento da Educação Física e a prática do professor no contexto pesquisado.

Conforme Molina Neto (1999), por meio deste procedimento é possível estabelecer uma linha de pensamento sobre o desenvolvimento docente dos professores de Educação Física dentro de um marco institucional.

Para Lüdke e André (1986) *apud* Bossle (2003), a análise de documentos representa uma fonte natural de informação. Para essas autoras, os documentos constituem valiosas fontes de informações por surgirem num determinado contexto e fornecerem informações sobre esse mesmo contexto.

3.5 Procedimentos para a coleta de dados

Foram realizadas visitas às escolas para expor a pesquisa e convidá-las para a participação da mesma. Mediante a aceitação do convite, ocorreu a definição do professor representante da escola. Foi enviado um documento com o propósito do estudo e informando de que forma as escolas contribuiriam, com o intuito de favorecer a confiabilidade das informações recolhidas. Foi respeitado o anonimato dos entrevistados que aceitaram ser investigados. Todos receberam nomes fictícios, escolhidos pelos entrevistados ao serem citados no estudo. Adotei para todos os participantes a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), (apêndice B), esclarecendo de maneira formal detalhes do estudo aos sujeitos da pesquisa.

As entrevistas foram previamente agendadas, conforme dia e horário estabelecidos pelos professores. O local onde quatro entrevistas foram realizadas foi na própria escola e, em dois casos, em razão da disponibilidade dos participantes, aconteceu na casa dos entrevistados. As entrevistas foram agendadas com antecedência e gravadas em local reservado, silencioso, que não distraiu a atenção do diálogo com os sujeitos de estudo.

A receptividade nas escolas foi um ponto muito positivo e facilitador no processo de coleta de dados. Fui muito bem recebido pela direção, coordenação pedagógica e professores.

3.6 Método para análise

Para iniciar o processo de análise das informações obtidas com a pesquisa, o primeiro nível de análise foi a definição das categorias a partir das transcrições de entrevistas e análise documental.

Maître (1987) *apud* Molina (1999, p. 130) ressalta:

A informação obtida será analisada e ordenada conforme categorias de significados, efetuadas a partir do tratamento da própria informação, quando então serão convertidas em categorias de análise e de triangulação com as demais fontes. Tendo como base a transcrição das entrevistas dos professores, estas serão agrupadas, ocorrerá a identificação dos diferentes assuntos e significados, o que chamaremos de definição das unidades de significado relevantes. Essas unidades de significados agrupadas sob conceitos ou conjuntos de significados mais amplos serão as categorias de

análise.

Ainda sobre a triangulação como método de análise, Molina (1999, p. 131) afirma:

A finalidade deste procedimento é de destacar os diferentes significados nas declarações dos participantes, por proximidade temática, tornando possível a triangulação entre o que disseram os participantes, os conteúdos dos documentos examinados e o conhecimento disponível na bibliografia especializada.

Para a análise das informações, utilizei o método denominado de triangulação. Segundo Triviños (1987, p. 138):

A técnica da triangulação tem por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco de estudo. Parte dos princípios que sustentam que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social, sem raízes históricas, sem significados sociais e sem vinculações estreitas e essenciais com uma macro realidade social.

A primeira das pontas desse triângulo indica que é preciso analisar as informações das revisões bibliográficas, que nos permitem verificar como a atual literatura e os estudos científicos estão discutindo o tema desta pesquisa. São as informações que coletamos para podermos ampliar nossos conhecimentos e a compreensão sob a ótica de alguns pesquisadores que estudam o tema em questão. A segunda ponta deste triângulo trata das informações coletadas nas entrevistas, e a terceira, a análise dos documentos.

Para Thomas e Nelson (2002), a triangulação fornece os meios pelos quais os pesquisadores qualitativos testam a força das suas interpretações em vista das inúmeras informações, aumentando, assim, a confiabilidade da pesquisa. O processo de triangulação norteia-se por três vertentes distintas, que correspondem às considerações das três fontes de dados: os autores, os entrevistados e os pesquisadores.

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Neste capítulo são apresentadas as categorias de análise, definidas a partir do material analisado. Vale ressaltar que, tendo como base a transcrição das entrevistas dos professores e análise de documentos, descritos no capítulo anterior, elas foram agrupadas por meio de diferentes assuntos e significados, definindo as unidades de significados relevantes.

A construção das quatro categorias está em consonância com a busca dos questionamentos e objetivos apresentados nesta dissertação. São elas: 1) A Educação Física no contexto da escola: (des)encontros entre planejamento pedagógico e a atuação do professor; 2) A presença marcante do basquetebol na Educação Física; 3) A valorização do aluno à modalidade basquetebol como conteúdo da Educação Física; 4) O basquetebol no contexto da Educação Física escolar e suas possibilidades pedagógicas.

4.1 A Educação Física no contexto da escola: (des)encontros entre planejamento pedagógico e a atuação do professor

Para fazer a análise desta categoria, não ficarei centrado em referenciais teóricos que falem sobre a Educação Física e Projetos Políticos Pedagógicos (PPP), mas sim, abordarei Leis e Diretrizes que são o alicerce, a base para as discussões acerca da construção dos PPP.

Conforme Venâncio e Darido (2012), nos PCNs (BRASIL, 1998) a autonomia da escola em construir sua própria proposta pedagógica é ressaltada, tendo em vista que seu contexto é amparado pela LDB (BRASIL, 1996) e que orienta a necessidade de a Educação Física estar integrada à proposta da escola.

Nesse sentido, vem à tona o questionamento: como a Educação Física irá fazer parte deste processo? A Educação Física não pode ser pensada como somente um momento de prática esportiva, mas sim um momento de construção de conhecimento, como qualquer outro componente curricular que integra o Projeto Político Pedagógico da escola. A Educação Física escolar, como componente curricular, é em conjunto que, com as outras disciplinas ministradas na escola, é responsável pela formação do cidadão e, por isso, deve participar das discussões referentes à construção do PPP e compartilhar a sua implementação. O professor de Educação Física, que é membro do coletivo escolar, tem tarefas e responsabilidades a cumprir e deve estar comprometido com o seu papel pedagógico e político (VENÂNCIO; DARIDO, 2012).

Segundo Paes (2002, p.91):

A modernidade exige que o professor de Educação Física compreenda o esporte e a pedagogia de forma mais ampla, pois é preciso ir além da técnica e promover a integração no ambiente escolar, pois só assim será possível a construção de uma proposta pedagógica que considere princípios essenciais para a educação dos alunos. O referencial metodológico da pedagogia dos esportes deverá responder a quatro questões: O que ensinar? Quando ensinar? Como ensinar? Em que medida o esporte poderá contribuir junto ao processo educacional do ser humano? (PAES, 2002, p. 91).

A discussão de Paes (2002) embasa teoricamente o parágrafo anterior, no qual pensamos uma Educação Física a partir de uma pedagogia esportiva que responda às quatro questões pedagógicas, visando ser formativa no processo educacional do ser humano, e não mera vivência esportiva. Essa metodologia facilitará o processo de integração da disciplina como componente curricular voltado à formação do cidadão e pensado a partir do PPP da escola.

De acordo com Venâncio e Darido (2012), nas aulas de Educação Física a escolha, ou melhor, a definição dos conteúdos a serem ministrados, na maioria das vezes fica restrita aos professores responsáveis. Muitos desses profissionais tiveram uma formação inicial pautada em pressupostos técnico-esportivos e não se

preocupam em participar dos encontros de formação coletivos que acontecem na escola, momentos em que ocorrem discussões, trocas de ideias, estudos de referenciais teóricos utilizados na construção do Projeto Político Pedagógico. Isso faz com que o plano de área fique restrito aos objetivos da Educação Física, distanciando dos objetivos, visão e missão da escola.

Na entrevista realizada com um dos nossos participantes, ficou clara essa situação apresentada. O planejamento da área é realizado por cada um dos professores e, quando há necessidade de expor uma dificuldade pedagógica para o grupo diretivo da escola, ele a resolve de forma solitária. Esse caso específico não só retrata uma Educação Física distante da documentação oficial da escola, mas também indica que outras questões emergem, como o planejamento: onde estão as horas para o professor pensar, planejar, avaliar e reconstruir o seu plano de trabalho? Como pensar uma Educação Física construída a partir do PPP? Conforme destaca o professor Eric:

Eu não tive contato com o plano político pedagógico da escola, não cheguei a ter contato com nenhum documento da escola. Ninguém me ofereceu e eu também.. ahn ...como eu venho pra cá, eu tenho 10 horas aqui, as 10 horas cheias, eu não tenho tempo nem pra pensar...nem pensei nisso, bem franco em te dizer. (Entrevista Prof. Eric).

As aulas, conforme este entrevistado, estão desconectadas do PPP e são estruturadas conforme o conhecimento, filosofia de trabalho do professor e fatores externos, tais como a sua carga horária de trabalho na escola, que é mínima e não contempla horas para planejamento. Nesta realidade, o que define o conteúdo a ser ministrado é o fator espaço físico, ou seja, o professor trabalha conforme a estrutura que lhe é ofertada. Na entrevista, o professor Eric argumenta:

Ahn... eu planejo minhas aulas em cima assim, ó, do nosso espaço que é bem restrito, bem complicado, é pouco espaço, a gente tem que dividir a quadra. Durante a semana são dois professores que dividem a quadra comigo. Nós combinamos um dia um vai com uma turma e na outra semana, o outro. Pra gente poder... ahn... variar o espaço e também, oportunizar que os meus e os deles possam utilizar a quadra, que também é bem restrita em dia de chuva, aquilo fica um alagamento só... ahn... e o pátio, né? Então a gente tenta planejar em cima do espaço que a gente tem (Entrevista Prof. Eric).

As demais escolas, conforme a fala dos entrevistados, apresentaram realidades próximas entre si, mas, diferentemente do apresentado pelo professor Eric, têm seu trabalho desenvolvido a partir do PPP da escola. Nestes casos,

podemos observar que os professores de Educação Física não somente fazem relações de seu trabalho com o PPP, mas, bem mais que isso, são agentes participantes na construção do mesmo. Demonstramos esta construção por meio da fala da professora Maria da Silva:

Na nossa escola nós temos bastante autonomia na área da educação física. Existe o projeto político pedagógico que é a nossa base, o nosso alicerce, mas acima disso, a gente, na educação física, temos bastante liberdade, pra fazer o nosso próprio roteiro. Eu parto realmente desse projeto pedagógico e ao longo do ano são colocadas, são inseridos assuntos, áreas, mas que os próprios alunos solicitam, como por exemplo, este ano foi colocado ahh... assuntos sobre nutrição, sobre defesa pessoal, sobre primeiros-socorros e outros assuntos que vão surgindo ao longo do caminho (Entrevista Profa. Maria da Silva).

Na Escola 2, os professores auxiliaram na construção do PPP, participando diretamente nos ajustes e adaptações conforme a realidade de cada turma, conforme destaca o professor Nico: *“E o projeto político-pedagógico da escola a gente já fez, eu e a outra professora que atuamos lá, a gente já previu fazendo estas adaptações para cada turma”* (Entrevista Prof. Nico).

Outro ponto a salientar é a aproximação da escola com a família, ou da família com a escola. Esta tarefa não é responsabilidade única do corpo diretivo, mas cabe ao docente fazer esta articulação. Este propósito pode ser atendido através de eventos, palestras e atividades esportivas.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - art.13 - (BRASIL, 1996, VI), o docente deve colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

Pensando na escola 1, o Projeto Político Pedagógico vai ao encontro do enunciado acima, da LDB, enfatizando a relação escola/comunidade: *“realizar eventos com a família como proposta de aproximação família/escola e tendo ainda como objetivo geral do PPP. Atuar na formação de crianças mais críticas, cooperativas e atuantes na escola, valorização do ambiente escolar.”* (PPP- Escola 1).

A fala do professor Nico, da escola 2, corrobora as determinações da LDB e mostra um trabalho voltado à sua comunidade escolar:

Bom, meu trabalho eu tento fazer, seguir a realidade do bairro. Eu sou professor de bairro e eu tento seguir a realidade deles, adaptando de acordo com cada turma uma metodologia diferente, de um jeito diferente. (Entrevista Prof. Nico).

Outro ponto a destacar, que apareceu no PPP e na fala dos professores entrevistados, foi a autonomia que eles têm em relação à construção do trabalho docente, bem como o conceito e o compromisso na Escola 2.

Conforme o Professor Augusto, da Escola 3, a equipe diretiva confere autonomia na construção do trabalho do docente de Educação Física:

Bom, aqui na escola a gente tem bastante autonomia para organizar todo o nosso trabalho. Então, desde os planos de área, plano de ensino, plano de aula, a coordenadora, ela nos dá, uma certa liberdade. Dá pra dizer que ela confia bastante no nosso trabalho (Entrevista Prof. Augusto)

Freire (2011) enfatiza que devemos pensar ações que possibilitem pensar uma escola que contribua para a educação de sujeitos críticos e autônomos e permita acesso ao conhecimento de forma reflexiva e crítica. O PPP da Escola 2, uma das escolas participantes da pesquisa, apresenta:

(...) Com compromisso de formar cidadãos atuantes, com hábitos e limites, regras, valores, desenvolvendo a criatividade, responsabilidade, organização, vivência corporal e autonomia (PPP- Escola 2).

Pensando em possibilitar o desenvolvimento da autonomia na escola, nos PCN consta como princípio didático geral:

[...] uma opção metodológica que considera a atuação do aluno na construção de seus próprios conhecimentos, valoriza suas experiências, seus conhecimentos prévios e a interação professor-aluno e aluno-aluno, buscando essencialmente a passagem progressiva de situações em que o aluno é dirigido por outrem a situações dirigidas pelo próprio aluno (BRASIL, 1997, p. 61).

Ao pensar uma Educação Física presente no contexto da escola, construída e conectada ao PPP da escola, temos que pensar também na atuação do professor dessa disciplina. Esse professor, responsável direto por este componente curricular, deve construir programas de ensino que tematizam, do ponto de vista didático-pedagógico, os jogos, os esportes, as lutas, as ginásticas, com objetivos educacionais, ou seja, com a intenção de produzir efeitos na formação dos sujeitos

para a participação democrática na vida em sociedade.

Outro ponto reforçado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - art.13 - (BRASIL, 1996): os docentes devem incumbir-se do “avanço das investigações no campo do conhecimento profissional do professor que o capacita para intervir, experimentar e refletir sobre sua própria prática e sobre o valor e pertinência dos projetos pedagógicos que desenvolve”.

Como afirma Freire (2001), a prática educativa, considerada como prática social, em sua riqueza e complexidade é fenômeno típico da existência. Por isso mesmo, fenômeno exclusivamente humano. Ensinar e aprender, para o educador, são momentos do processo maior de conhecer. Por isso, deve envolver busca, curiosidade, equívoco, acerto, erro, serenidade, rigorosidade, sofrimento, tenacidade, mas também satisfação, prazer e alegria.

Outro ponto reforçado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - art.13 - (BRASIL, 1996): os docentes ficarão responsáveis por “participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento do ensino”.

Na verdade nós temos uma rede, então, ahn... no início do ano a gente faz um planejamento e ele é apresentado para a Supervisão digamos assim, por trimestres. Nós trabalhamos ..., os professores de educação física se reúnem e a gente vê o que vai fazerdurante o ano. Geralmente a gente divide por trimestres e separa os jogos por trimestres pra gente conseguir trabalhar (Entrevista Profa. Vitória).

O depoimento do professor Augusto vai ao encontro do que consta no enunciado da LDB, quanto a participar da elaboração da proposta pedagógica da escola em que está inserido:

Bom, seguindo o projeto político pedagógico e o plano de estudos das escola, nós... ahn... trabalhamos durante o ano letivo com o 6º e o 7º ano os conteúdos de atletismo, handebol, basquetebol, voleibol e futsal. O atletismo geralmente toma o primeiro trimestre. O 2º e o 3º é dividido entre handebol e basquetebol e o 3º trimestre eu finalizo com voleibol e futsal (Entrevista Prof. Augusto).

Após analisar a Educação Física no contexto da escola, observei que existe uma aproximação entre a construção do PPP, o planejamento de área e a atuação docente. A Educação Física está sendo discutida, pensada e alicerçada em referenciais teóricos, buscando atender aos objetivos da disciplina, enquanto componente curricular da escola. Na próxima categoria, analisarei se o basquetebol

faz parte do planejamento dos professores desse componente curricular e se a modalidade está sendo ministrada.

4.2 A presença marcante do basquetebol na Educação Física

A presença da modalidade basquetebol na Educação Física escolar está diretamente ligada ao conhecimento do professor sobre o esporte e à ampliação do olhar sobre diferentes aspectos e práticas do cotidiano. Hoje temos as mais diferentes vertentes, como o basquetebol de quadra, o basquetebol de rua, o basquetebol em cadeira de rodas, a Liga Nacional Brasileira de Basquetebol (NBB), a Liga Profissional Americana de Basquete (NBA), entre outros.

Esclarece Daiuto (1991, p. 35):

é na faixa etária entre 6 aos 12 anos que a criança começa a demonstrar interesse em correr, pular, saltar, lançar, transportar, etc. e portanto uma vontade de realizar principalmente os jogos de agilidade e demonstra interesse pelos elementos próprios do jogo, pela competição e tática do jogo.

Essa afirmação de Daiuto (1991), quanto à faixa etária ideal para o desenvolvimento do basquetebol, vai ao encontro da idade inicial dos alunos estudados em nossa pesquisa, ou seja, 6^{os} e 7^{os} anos.

No município de Lajeado/RS, cidade do Clube Atlético Ubirajá, um dos clubes com mais títulos no Rio Grande do Sul no cenário do basquetebol, a presença deste esporte como conteúdo nas aulas de Educação Física da rede municipal de ensino é uma realidade confirmada. Conforme os professores entrevistados, em todas as escolas participantes do estudo, a modalidade basquetebol está sendo ministrada nas aulas de Educação Física. Em algumas, o basquetebol apareceu como um conteúdo ministrado em algumas aulas durante o ano letivo, ou seja, o professor possibilita aulas da modalidade com o objetivo de proporcionar ao aluno a prática ou o conhecimento de uma modalidade, momento de despertar a curiosidade e estímulo às descobertas de uma nova prática, em que o aluno posteriormente tenha autonomia para decidir de que maneira quer conviver com ela. Freire (1996) pensa a escola como um ambiente favorável à aprendizagem significativa, em que a relação

professor-aluno acontece sempre a partir do diálogo, valorizando o respeito mútuo. O espaço escolar deve estar aberto para contribuir para a curiosidade, a criatividade, o raciocínio lógico, o estímulo à descoberta.

Em outras realidades, o conteúdo basquetebol está fazendo parte de um trimestre do ano letivo, no qual os professores planejam aulas respeitando uma sequência pedagógica com o objetivo de possibilitar o desenvolvimento do aluno na modalidade. Nessa proposta, os alunos estão tendo a possibilidade de construir aprendizagens significativas na sequência de aulas desta modalidade, estabelecendo relações com o conteúdo ministrado na sua sequência pedagógica e o cotidiano fora da escola.

Ao pensarmos a modalidade de basquetebol como conteúdo nas aulas desse componente curricular, buscamos embasamento teórico nas leis e diretrizes. Segundo os PCN (BRASIL, 1998, p. 83), na Educação Física escolar:

Por meio da percepção da diversidade de estilos, dos diferentes tempos de assimilação, do conhecimento, e dos também diferentes níveis motivacionais, o aluno pode construir uma atitude mais inclusiva do que seletiva durante as suas próprias aprendizagens, bem como frente à aprendizagem do outro e do grupo. Se por intermédio do desenvolvimento dos conteúdos for estimulada uma rica abordagem de interpretações do mesmo objeto de estudo, como o basquete da NBA frente ao basquete escolar, o basquete no clube e as possíveis alterações nas regras para torná-lo mais cooperativo e menos competitivo, ser possível ao aluno ultrapassar um modelo único, muitas vezes seletivo, carregado de valores pré-concebidos, abrindo a percepção para os valores fundamentais para a convivência, para a solidariedade.

No Plano de Estudos da Escola 1, menciona-se que o conteúdo basquetebol estará presente nas aulas de Educação Física do 6º e 7º ano e que deverá ser trabalhado em caráter competitivo, cooperativo ou recreativo, em situações festivas, com o enfoque de confraternização, ou no cotidiano. O material analisado não menciona o número de aulas a serem cumpridas com o conteúdo basquetebol. Segue a fala do professor Augusto, quando questionado se o basquetebol é ministrado ou não e a quantidade de aulas disponibilizadas:

Bom, então como eu já tinha falado um pouco anteriormente sobre esse tempo, na verdade, fica aproximadamente dois meses, quase batendo dois meses, para trabalhar especificamente o basquetebol, para que a gente passe as regras e a prática. Trabalho todos os fundamentos (Entrevista Prof. Augusto).

No PPP da Escola 2, a modalidade do basquetebol consta como conteúdo a ser ministrado nos três trimestres das turmas de 6º e 7º ano. A fala do professor Nico apresenta coerência com o planejamento: “[...] *em torno de 6 a 10 aulas durante o ano. Isso dá o equivalente a um trimestre, um pouco menos de um trimestre, não consecutivo, mas sim, alternado*” (Entrevista Prof. Nico).

Na mesma realidade, o PPP apresenta um aprofundamento quanto ao que será ministrado na modalidade: fundamentos, táticas de ataque, defesa e contra-ataque, conhecimento das regras e jogo propriamente dito. Segundo Paes (2002), os conteúdos de ensino a serem ministrados nessa fase são os conceitos técnicos e táticos dos desportos: basquetebol, futebol, futsal, voleibol e handebol, nos quais devem ser contemplados, além desses conteúdos, finalizações e fundamentos específicos.

No PPP da Escola 6, consta nos objetivos da Educação Física para o 6º e 7º ano. Nesse educandário, o basquetebol também é contemplado no seu planejamento, porém, nesse caso, não existe uma previsão de em qual momento do ano letivo.

Participar de atividades corporais, estabelecendo relações equilibradas e construtivas com os outros, reconhecendo e respeitando características físicas e de desempenho de si próprio e dos outros... conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações de cultura corporal do Brasil e do Mundo (PPP -Escola 6).

Na Escola da professora Maria da Silva, os conteúdos não são planejados em trimestres. Eles são ministrados de forma intercalada e, quando possível, a professora procura fazer articulações entre um conteúdo ministrado do basquete e de outra modalidade. O basquete, assim como outras modalidades, poderão estar presentes nos três trimestres do ano letivo.

Conforme a professora Maria da Silva:

Então, não é um bimestre handebol, outro bimestre basquete. Na verdade, assim, pode-se dizer que eu trabalho uma semana uma atividade, outra semana outra. Mas, muitas vezes, por exemplo, se eu tô trabalhando a questão de saque no vôlei e arremesso no handebol, eu posso também fazer algo paralelo e trazer algumas propriedades desta habilidade pro basquete. Então, às vezes é feito duas aulas de vôlei numa semana e uma de basquete. Isso é alterado. Não existe uma programação engessada durante o ano. [...] Em torno de 20 aulas (Entrevista Profa. Maria da Silva).

A Escola 3 também ministra o basquetebol com a mesma sistemática de rodízio de aulas. Conforme a fala do professor Gustavo, observa-se um contexto semelhante ao da Escola 6:

[...] mas o tempo destinado eu acho que foi no basquete, no mínimo, umas 4 a 5 semanas durante o ano todo. Não foi assim “agora a gente vai trabalhar só basquete” e daí fica 3 a 4 semanas. Cada semana a gente trazia uma modalidade diferente. Às vezes, dependendo de como os alunos iam, a gente fazia 2 semanas a mesma modalidade. São 3 períodos por semana, então, uma semana a gente trabalhava um pouquinho de regras, fundamentos, jogos pré-desportivos e na outra fazia os jogos mais propriamente ditos (Entrevista Prof. Gustavo).

Nessa categoria de análise podemos observar que o conteúdo basquetebol está presente nas escolas participantes do estudo. No PPP das escolas, apareceu que a modalidade esportiva basquetebol é pensada e, em alguns casos, consta como conteúdo programático e previsão de aulas. Nas falas dos professores também ficou nítido que o basquetebol faz parte do conteúdo programado para o ano letivo. Nesta dissertação esses dados nos mostram que o basquetebol está sendo ministrado nas aulas. Na sequência, analisaremos a sua representatividade.

4.3 A valorização do aluno à modalidade basquetebol como conteúdo da Educação Física

Nesta categoria, abordarei as questões que envolvem o interesse, a participação, a valorização do aluno ao conteúdo basquetebol nas aulas de Educação Física na visão do professor. Outro ponto a ser abordado é o que o professor faz com este (não) interesse dos alunos.

Um ponto que apareceu de forma mais acentuada foi a ligação estabelecida pelos professores entre o interesse do aluno nas aulas de basquetebol e as escolinhas de basquetebol do Bira (Clube Atlético Ubirajá). Conforme os docentes, essas atividades realizadas no turno oposto ao das aulas regulares despertaram o interesse e o gosto dos alunos pelo basquetebol.

Conforme comenta a professora Vitória:

Aqui na cidade de Lajeado, bem mais, depois que começou a aparecer os times, né? E escolinhas também. Tenho alunos que ao invés de escolinhas de futsal, preferem de basquete. Principalmente, os meninos. Meninas não

tinha. E a escola, ela tinha um projeto, tinha... ahn... aulas no turno oposto, de basquete. Então, isso influenciou bastante, eles começaram a gostar bastante, o que antes não aparecia (Entrevista Profa. Vitória).

Percebe-se, assim, que o meio no qual estão inseridos está influenciando os alunos, ou seja, como os alunos participam de atividades de basquetebol no turno inverso, já têm contato e gosto pela modalidade. Neste caso, esses alunos solicitarão nas aulas de Educação Física a prática do basquetebol. Para o Coletivo de Autores (1992), ao fazer a seleção de conteúdos, é necessário levarmos em consideração a realidade em que estamos inseridos, conhecer a realidade e saber quais suas necessidades.

Na Escola 2, o professor Nico apresenta uma ênfase maior ao interesse dos alunos nas aulas de basquetebol na Educação Física e às atividades do turno oposto, as escolinhas de basquete do Projeto Social. Conforme ele, atualmente, como não existe projeto, o interesse dos alunos nas aulas é baixo:

Bom, como eu disse é... atualmente é baixo. Na escola, quando o Bira começou...ahn...vários alunos praticavam que era um turno que boa parte dos alunos conseguiam participar, praticar porque pegava uma faixa etária que é o interesse deles. Hoje como é de manhã, de tarde só tem duas turmas pequenas de 7º ano e os bem pequenos lá com o 2º e o 3º ano não é do interesse deles. Então o da faixa etária esse ano não tá sendo contemplado com a escolinha. Mas, quando tinha... ahn... a oportunidade dessa faixa etária ir no basquete eles foram valorizando, foram gostando... (Entrevista Prof. Nico).

O professor Gustavo apresentou uma nova abordagem nesta categoria de análise, que podemos definir como a relação do interesse dos alunos em determinados conteúdos nas aulas de Educação Física com a realidade em que a escola está inserida. Em outras palavras, o esporte espetáculo praticado na cidade reflete diretamente no interesse e participação dos alunos nas aulas dessa disciplina:

Ah! Os alunos gostam muito. Eu acho que uma escola que não tem basquete é porque o professor tá deixando de oferecer. Onde tu chegar com basquete os alunos eles gostam, eles participam. E quando a gente começa a trabalhar basquete, dar aula de basquete na escola, sempre tem um que fala “Bah, irmão jogava no Bira!”, ou “Eu assistia aos jogos do Bira”, então, eles... ou “Assisto na TV” (Entrevista Professor Gustavo).

Em duas entrevistas, surgiu uma nova temática. Segundo os professores Maria da Silva e Eric, nas suas escolas o basquetebol não aparece como um

conteúdo valorizado pelos alunos na Educação Física. Chama atenção um fato novo na discussão: o aparecimento do futebol como a causa principal desta desvalorização do basquetebol.

Conforme a Profa. Maria da Silva, para contemplar a modalidade de basquetebol e não somente o futebol, ela utiliza a negociação com os alunos:

Nós vivemos no país do futebol, então é claro que se você pedir para qualquer uma das turmas entre basquete e futebol, entre vôlei e futebol, entre handebol e futebol, eles sempre vão escolher futebol. Então assim ó, muitas vezes a gente faz uma negociação. Eles fazem o que eu proponho e depois eles têm direito a jogar futebol. A questão da recompensa. Então, eles gostam, sim, eles gostam do basquete porque é competitivo. Eles gostam de mostrar suas habilidades, todos gostam de fazer cestas, quando conseguem acertar. Então, é uma atividade que ela é bastante assim... dá bastante adrenalina no jogo. E eles gostam bastante, a aceitação é boa, sim (Entrevista Profa. Maria da Silva).

Na escola do professor Eric, o futebol acaba sendo o centro de interesse dos alunos nas suas aulas:

Eu acho que assim ó: nosso país é um país ainda do futebol, futebol, do futebol. É uma coisa que ainda tá bem impregnada nos alunos. O basquete assim, tem, tinha um aluno até aqui. Segundo ele, fazia treinamento, mas não acredito muito no que ele colocou. Então, assim, ahn... ele não é tão divulgado quanto o futebol. Então talvez por isso não tenha aquele gosto pelos alunos, assim como nos outros esportes (Entrevista Prof. Eric).

Conforme a análise desta categoria, podemos dizer que há interesse por parte dos alunos na prática do basquetebol nas aulas de Educação Física. Vejo que um ponto aparece muito forte: a presença do Clube Atlético Ubirajá e suas escolinhas desenvolvidas nas escolas do município de Lajeado/RS, ou seja, os professores atribuem o interesse pelo basquetebol à realização de atividades de turno inverso desenvolvidas nas respectivas escolas. São outros dois pontos que aparecem, mas não com tanta ênfase: a interferência do futebol como fator de rejeição ao basquetebol, e as negociações dos professores – quando o professor ministra o conteúdo programado, os alunos participam e, em troca, jogam futebol.

4.4 O basquetebol no contexto da Educação Física escolar e suas possibilidades pedagógicas

Esta categoria apresenta as práticas dos professores de Educação Física dos

6^{os} e 7^{os} anos do Ensino Fundamental das escolas municipais de Lajeado/RS nas aulas de basquetebol e suas percepções sobre o significado do basquetebol como possibilidade pedagógica.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais descrevem e organizam em blocos os objetivos a serem trabalhados nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental. Segundo os PCNs, a Educação Física na escola deve ser constituída de três blocos: o primeiro compreende os jogos, as ginásticas, os esportes e lutas; no segundo bloco são desenvolvidas as atividades rítmicas e expressivas; e, no terceiro bloco, são trabalhados os conhecimentos do corpo (BRASIL, 2000).

Conforme o conhecimento e as ações pedagógicas, o professor buscará despertar nos alunos a consciência de que a prática do basquetebol pode não somente favorecer o desenvolvimento na modalidade, mas também proporcionar satisfação, melhoria da qualidade de vida e outros fatores que venham a contribuir para o seu desenvolvimento.

A afinidade do professor dessa disciplina com um determinado conteúdo muitas vezes é determinante para que ele contemple as necessidades dos alunos no sentido de propiciar experiências motoras. Na fala do professor Nico, da Escola 1, a sua afinidade, bem como a sua trajetória pessoal em relação ao esporte basquetebol, fazem com que ele enfatize o conteúdo basquetebol nas suas aulas. Conforme o professor Nico:

Bom, o basquetebol é o esporte que eu mais gosto e praticava quando criança, adolescente. (...) Tem turmas que às vezes é impossível trabalhar basquete, mas dentro do possível, como é o esporte que eu mais gosto eu dou uma forçadinha, tento, pelo menos pra eles vivenciarem. Se vão gostar ou não depois, isso depende de cada um. Mas, eu pelo menos tento mostrar pra eles o que é o basquete (Entrevista Prof. Nico).

O professor, nas suas aulas, deve proporcionar momentos que despertem nos alunos o entendimento dos vários sentidos que os jogos esportivos podem ter. Ele destacará a criação de situações que possibilitem a resolução de problemas que possam surgir em sua prática e a compreensão, passando até por adaptações de regras que facilitem seu aprendizado. Outro ponto importante a salientar: o ensinamento do esporte não pode ficar restrito ao aprendizado da sua prática, é preciso também aprender a discutir o que acontece no esporte. Esse conhecimento

construído pode ser um facilitador para o convívio em grupos de pessoas ou até para conviver com o esporte, não como um praticante, mas como comentarista esportivo.

Segundo os PCN (BRASIL, 1998), os conteúdos são os meios pelos quais o aluno pode analisar e abordar a realidade de maneira a construir uma rede de significados em torno do que se aprende na escola e do que se vive. O aluno também deve ser consciente no uso de diferentes linguagens, criativo, autônomo, capaz de usar a liberdade com responsabilidade em decorrência da consciência dos limites e emancipado pela capacidade de analisar e julgar as questões de modo reflexivo.

Os conteúdos esportivos ministrados na escola são meios ou ferramentas utilizadas na construção do conhecimento e aquisição de valores. Através desses conteúdos, o aluno tecerá uma rede de significados entre o que está vivenciando na escola e o cotidiano fora dela. O aluno aprenderá a viver em grupo, respeitar as diferenças, ser criativo e autônomo, como destaca o professor Augusto:

O basquete... basquetebol eu considero ele como um dos esportes de formação do aluno. [...] Toda uma percepção que a criança vai precisar no dia a dia depois ela também é encontrada no basquetebol. Por isso que a gente todo o ano a gente deixa um tempo destinado para a prática do basquete. [...] Então, eu acho que não tem como, né, virar um ano na escola sem trabalhar o basquete. Além de que as crianças adquiriram depende a forma como a gente incute os esportes na criança, na formação da criança, além da cobrança deles. Eles pedem para jogar o basquete. Tem toda aquela formação, né, motora que o basquete favorece (Entrevista Prof. Augusto).

Paes, Montagner e Ferreira (2009) classificam a pedagogia do esporte sob duas perspectivas: uma relacionada à referência técnico-tática, que aborda questões de aspectos físicos e da prática esportiva; e outra relacionada ao referencial socioeducativo, que enfatizará valores, princípios e modos de comportamento com enfoque pedagógico (PAES; MONTAGNER; FERREIRA, 2009).

A fala da professora Maria da Silva corrobora a de Paes, Montagner e Ferreira. Ela destaca a ênfase do ensino do esporte nas suas aulas:

Da parte das crianças é competitivo. Mas, como eu falei antes, o que que eu busco é trabalhar o entorno além do técnico. É trabalhar a integridade, de trabalhar o espírito esportivo, de trabalhar a colaboração, a equipe, respeito, responsabilidade, que ninguém vai a nenhum lugar sozinho. E uma coisa que no basquete é possível fazer e também nos outros esportes de equipe,

essa questão que a criança tem que aprender a sair da arquibancada, não do banco de reserva, mas da arquibancada. Porque para quem tá na arquibancada é tudo muito mais fácil: ficar do lado de fora, criticar. Então, na hora que a criança tá lá na quadra, jogando, por mais difícil que seja, por pior que seja suas habilidades, ela vai ter responsabilidades e ela vai ter que dar o melhor que ela puder. Cada um tem o seu melhor e é isso aí que eu procuro trabalhar com eles: que cada um dê o melhor de si (Entrevista Profa. Maria da Silva).

A prática do basquetebol na escola deve ir além dos aspectos metodológicos e técnicos: possibilitar a integração dos envolvidos, centrada numa proposta pedagógica embasada por uma filosofia que vise à educação e à formação integral dos praticantes. O planejamento do conhecimento a ser trabalhado é base para o desenvolvimento do esporte na escola, devendo ser coerente com o seu projeto pedagógico, de forma a aproximar a Educação Física das demais disciplinas, tornando os conteúdos significativos e formadores.

[...] competição é uma questão cultural, muito da tua postura, muito da tua atitude, depende muito de como tu conduz o teu trabalho. [...] Porque às vezes tu tem um aluno que vai numa escolinha e ele quer trazer aquela vivência da escolinha pra dentro da aula e eu acho que isso é importante, mas tem que saber lidar um pouquinho porque ele vem muito competitivo daí. Eu atribuo um enfoque mais formativo e o lúdico eu nem vou dizer tanto, mas, mais de formação mesmo. Pra conhecer o basquete, pra aprender como se joga e se possível, despertar o interesse deles para jogar basquete (Entrevista Prof. Gustavo).

Bento (2006) afirma que o professor deve levar para a situação de ensino uma formação objetivada em competências sociais, culturais, pedagógicas e metodológicas, para, dessa forma, construir uma prática embasada e responsabilizada pela teoria, circundada por princípios e valores teóricos, espirituais, éticos e morais.

Bento (2006) enfatiza:

O que se pretende com uma pedagogia esportiva adequada é criar um ambiente favorável para construção e discussão de valores e princípios que acompanhem o sujeito além do ambiente escolar e esportivo, quanto à sua atuação perante a sociedade. As figuras dos professores ou treinadores exercem influência sobre as atitudes e comportamentos, sobre os princípios, valores, orientações e sentidos de vida dos praticantes (BENTO, 2006, p. 29).

Nesse sentido, é importante proporcionar aos alunos situações de ensino que apresentem situações problema, em que o aluno tenha que pensar, refletir, ser criativo e tomar decisões. Esse ambiente construído será favorável para o aluno ter

aprendizagem significativa, na qual ele consiga relacionar a resolução de problemas vivenciados na situação proposta com o cotidiano fora da Escola.

Balbino e Paes (2005) definem quatro princípios filosóficos a serem seguidos no ensino de basquetebol, visando objetivar a integração e a aquisição de valores na criança; para os autores do texto, trata-se de estudantes na faixa etária até 13 anos. Conforme Balbino e Paes (2005, p. 26):

- Participação – é preciso jogar para aprender;
- Cooperação – é preciso jogar “com” ao invés de jogar “contra”;
- Coeducação – aluno e professor devem jogar juntos;
- Convivência: é preciso jogar respeitando as diferenças.

A fala do professor Augusto vai ao encontro dos princípios filosóficos defendidos por Balbino e Paes:

A gente prima, né, pela recreação, o aluno tem que ser amigo do colega, ahn... indiferentemente se ele tá na sua equipe ou na equipe oposta. (...) Com certeza, inclusão, em primeiro lugar. A gente tenta não deixar ninguém de fora (Entrevista Prof. Augusto).

O professor Eric enfatiza na sua resposta, de uma forma resumida, os princípios filosóficos de Balbino e Paes:

Bom, o basquetebol assim como os esportes coletivos eu acho que ele trabalha muito a questão do... do... do coleguismo... do... do... como é que eu vou dizer, me fugiu a palavra, agora... (pesquisador: Espírito de grupo?) Isso. Espírito de grupo, trabalhar o conjunto, né? Ahn... eu acho que o basquete pra mim, assim como o vôlei e como o futebol, ele é imprescindível, né? (Entrevista Prof. Eric).

Alguns dos professores entrevistados valorizam muito o conteúdo basquetebol nas suas práticas. Eles atribuem relevância a esta modalidade em relação à formação pessoal, ao viver em grupo, à divisão de responsabilidades.

Bem, a questão técnica eu acho que o basquete, por ser um esporte de equipe, tem uma importância semelhante ao vôlei, ao handebol, ao futebol. Ele é uma atividade que faz com que a criança perca um pouco o individualismo, a prepotência; aprenda a jogar em equipe, aprenda a dividir, aprenda a dividir responsabilidades. Assim como no futebol o goleiro não vai levar o gol sozinho, no basquete também ninguém faz um ponto sozinho. É um esporte bastante completo (Entrevista Profa. Maria da Silva).

Os professores de Educação Física desempenham um papel importante no trabalho de difusão dos valores que podem acompanhar o trabalho do ensino do basquetebol, baseando-se em princípios éticos como união, cooperação, respeito e trabalho em equipe. Conforme sua diversidade de significados, o basquetebol direciona questionamentos quanto às definições claras em relação aos aspectos pedagógicos, tendo como ênfase a aquisição de valores educacionais, sociais e culturais. O esporte pode ser considerado um facilitador no desenvolvimento de valores, conforme explica o professor Nico:

Acho fundamental trabalhar o basquetebol dentro da educação física porque eu vejo assim, um esporte muito coletivo, ninguém vai jogar lá o basquete sozinho, falando isso a nível escolar, né? Então, ele permite que os alunos possam interagir bastante. Ele tem uma formação assim, a nível corporal, que os alunos que trabalham basquete eles vão desenvolver mais coordenação motora, mais atenção, mais visão periférica, mais percepção deles dentro da quadra. Eu vejo isso em outras modalidades também, mas acho que são características que se encontram forte no basquete. Ahn... é um esporte que exige atenção e concentração pra jogar, então a gente tá trabalhando também a questão do cognitivo. Quando os alunos precisam... ahn... até assim...organizar suas estratégias, até fazer um simples arremesso. Não é um simples arremesso (Entrevista Prof. Nico).

Os professores estão pensando o basquetebol, na escola, como um espaço para uma prática docente consciente, crítica e construtiva, criando estratégias que auxiliem na formação do ser crítico e autônomo, na ênfase à aquisição de valores educacionais, sociais e culturais, possibilitando que o aluno possa vir a ser um agente de transformação de nossa sociedade.

Conforme as entrevistas dos professores e a análise documental, ficou evidenciado que o basquetebol está sendo ministrado, e muito próximo da proposta de Balbino e Paes, que apresenta a ênfase na autonomia, inclusão, diversidade e cooperação. Essa relação favorece que os alunos vivenciem este processo, construam competências que serão fundamentais para serem agentes de transformação da sociedade.

5 CONCLUSÃO

Ao iniciar a escrita do último capítulo, começo lembrando o que foram estes dois anos e meio em minha vida. Para que esta dissertação fosse concretizada, o primeiro passo foi me despir do treinador/professor de basquetebol e vestir a camiseta do pesquisador. Devido à minha trajetória profissional ter sido centrada no basquetebol, posso garantir que esta tarefa não foi nada fácil. Tive que construir conhecimento a partir de diferentes referenciais teóricos e a partir daquilo que os próprios entrevistados me disseram sobre o basquetebol na rede municipal de ensino de Lajeado/RS.

Abandonar ideias que eu havia construído como professor e treinador de basquetebol, repensar certas verdades e questionar meus pré-conceitos foi uma das atividades mais árduas e, ao mesmo tempo, mais ricas neste processo de fazer pesquisa. Essa mudança de olhar de treinador para pesquisador penso ter sido uma das maiores dificuldades encontradas na realização do trabalho.

No campo universitário, este estudo apresenta uma realidade contrária à apresentada pelos estudantes nos memoriais, ou seja, de agora em diante tenho sustentação teórica para argumentar que, na rede municipal de ensino de Lajeado/RS, o conteúdo basquetebol está sendo ministrado de forma efetiva. Esse resultado é muito importante para legitimar a importância deste conteúdo nas aulas de Educação Física, o que é muito importante no meio acadêmico, pois será relevante para despertar o interesse dos demais estudantes em ministrar essa modalidade em suas cidades.

Esta etapa do trabalho remete a pensar e escrever quais respostas obtive para os objetivos desta dissertação. Dentro das justificativas apresentadas, que foram meu norte na escolha da temática, devo analisar quais foram os reflexos nos resultados apresentados nesta realidade que me propus pesquisar. Vamos começar a tecer as últimas escritas desta dissertação, começando a responder aos objetivos.

Quanto à contextualização do basquetebol escolar na rede municipal de ensino de Lajeado/RS, saliento que os resultados surpreenderam. Por que surpreenderam? Para um docente de basquetebol há 25 anos em várias instâncias, ao definir esta temática, partindo de relatos de memoriais dos alunos da graduação nos quais o basquetebol escolar é negado ou vivenciado pouquíssimas vezes no ano letivo, os resultados comprovaram o contrário da percepção. Na rede municipal de Lajeado, o conteúdo basquetebol está presente nas aulas de Educação Física do 6º e 7º ano e, em certas escolas, o basquetebol apareceu como um conteúdo ministrado em algumas aulas durante o ano letivo, isto é, o professor possibilita vivências da modalidade com o objetivo de proporcionar ao aluno a prática ou o conhecimento de uma modalidade. Mais além: em muitas das escolas pesquisadas, o conteúdo basquetebol está fazendo parte de um trimestre do ano letivo, no qual os professores planejam as aulas respeitando uma sequência pedagógica com o objetivo de possibilitar o desenvolvimento do aluno na modalidade.

Emerge o seguinte questionamento: Quais são os motivos que apontaram para a contextualização do basquetebol escolar na rede municipal de ensino de Lajeado/RS ser tão diferente da realidade relatada nos memoriais dos alunos do curso de Educação Física – licenciatura da UNIVATES? Pensamos que os professores são os principais responsáveis por esta realidade. Conforme as entrevistas e análise de documentos, existe coerência entre o planejamento e as aulas práticas. Ficou claro nas respostas dos docentes que, independente da modalidade, os professores estão comprometidos em desenvolver ou auxiliar na construção do conhecimento de seus alunos.

Partindo do professor, outro ponto a destacar é sua relação e sua participação no planejamento da Educação Física e o engajamento na construção do PPP da escola. Aqui é importante salientar que as escolas (equipe diretiva) proporcionam a participação dos profissionais e contemplam a Educação Física no PPP. Na análise

documental, ficou nítido que este componente curricular está sendo pensado nas escolas municipais de Lajeado/RS e que o fato de o conteúdo basquetebol estar sendo ministrado não é por acaso, tampouco corresponde somente ao interesse do professor. Existe, sim, um planejamento, um projeto a ser seguido.

Quanto às concepções e práticas dos professores de Educação Física dos 6^{os} e 7^{os} anos do Ensino Fundamental das escolas municipais de Lajeado/RS sobre as aulas de basquetebol, observamos que o enfoque é mais formativo: trabalhar a integridade, o espírito esportivo, a colaboração, aprender a jogar em equipe, respeitar e ter e dividir responsabilidades foram aspectos apontados pelos professores. Outro ponto importante é o respeito às diferenças em atividades nas quais é possível a prática de todas as pessoas. A inclusão surgiu como um aspecto destacado pelos professores, em detrimento da valorização da performance. Enfim, os docentes destacaram a importância de conhecer o basquete para aprender como se joga e, se possível, despertar o interesse para jogar basquete.

A vivência da modalidade é fundamental para despertar o interesse e o gosto pela prática. Na visão dos professores que ministram este conteúdo, os alunos manifestam interesse no basquetebol nas aulas de Educação Física. Para sustentar o significado dessa manifestação a favor do basquetebol, entendo que o Clube Atlético Ubirajá assume papel fundamental. Primeiro, em razão da representatividade no estado do Rio Grande do Sul e no município de Lajeado como uma das maiores potências no basquetebol, ou seja, a realidade exerce esta força na escolha e interesse nas modalidades. Acredito, porém, que o principal fator de influência é o projeto social do Bira, por meio das parcerias com as escolas municipais, realizando atividades em turno oposto. Essas experiências refletem nas aulas de Educação Física, pois alunos participantes destas atividades terão interesse no basquetebol nas aulas de Educação Física e mais: serão defensores desta modalidade.

Para finalizar, penso nos reflexos diretos deste estudo. O primeiro ponto a destacar é a trajetória do pesquisador. Até 2013, meu currículo era estruturado no treinador de basquetebol e no professor (escola básica e ensino superior). Hoje, estou contribuindo com produção científica nessa área do ensino, Educação Física, e no ensino do basquetebol na escola. Para a rede municipal de ensino, esta

dissertação aponta que o conteúdo basquetebol está sendo ministrado nas escolas. Mas penso que o retorno é muito mais profundo: a coerência entre a Educação Física e o PPP, assim como a participação dos professores no pensar o ensino desse componente curricular na escola, são achados importantes desta investigação.

Finalizada a dissertação, agora tenho um novo desafio: buscar possibilidades para socializar o conhecimento construído. Os primeiros a serem contemplados serão os participantes da pesquisa. Agendarei um horário com os respectivos professores e lhes entregarei um exemplar da dissertação, farei uma explanação sobre os resultados obtidos e ficarei à disposição para conversarmos sobre o estudo realizado. Posteriormente, farei uma visita à coordenadora da rede municipal do Ensino Fundamental do município de Lajeado/RS, entregarei a dissertação e ficarei à disposição da secretaria, caso haja interesse em uma abordagem com os professores do município de Lajeado/RS.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. S.; SANTANA, J. S. **Brincar e aprender: A Importância do lúdico para a iniciação esportiva nas aulas de Educação Física**. GT1 Educação de crianças, jovens e adultos. Sergipe, 2013. Disponível em <http://midia.unit.br/enfope/2013/GT1/BRINCAR_E_APRENDER_A_IMPORTANCIA_DO_LUDICO_PARA_INICIACAO_ESPORTIVA_NAS_AULAS_DE_EDUCACAO_FISICA.pdf>. Acesso em: 05 de setembro de 2015.

BALBINO, H. F. ; PAES, R. R.. Processo de ensino e aprendizagem do basquetebol: perspectivas pedagógicas. In: DE ROSE JR, Dante; TRICOLI, V. (Orgs.). **Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática**. Barueri: Manole, 2005. p.16-29.

BENTO, J. O. Da pedagogia do desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O. ; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, cap. 3, 2006, p.26-40.

BOSSLE, F. **Planejamento de Ensino dos Professores de Educação Física do 2º e 3º ciclos da rede Municipal de Ensino de Porto Alegre: um estudo do tipo etnográfico em quatro escolas desta rede de ensino**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós- Graduação de Ciências do Movimento Humano. Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003, 271 fls.

BRACHT, V. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo capitalista. In: OLIVEIRA, Vitor M. (Org.). **Educação Física: fundamentos pedagógicos II**. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1987. p.180-185

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9394/96)**. Brasília: MEC, 1996.

BRAUNER, D. **A prática do Basquetebol na cidade de Porto Alegre: da emergência nos clubes à organização federativa**. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto

Alegre, 2010, 69 fls.

CHERVEL, A. **História das Disciplinas Escolares**: reflexões sobre um campo de pesquisa. Movimento. 1996/2. ano III. n. 5. Teoria e Educação, Porto Alegre: Pannonica, n. 2, 1990, p. 177- 229.

CLUBE ATLÉTICO UBIRAJÁ. Disponível em: <www.ubiraja.com.br>. Acesso em: 14 abr. 2014.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL. Disponível em: <<http://www.cbb.com.br>>. Acesso em: 14 abr. 2014.

DARIDO, S. C. SOUZA JUNIOR, O. M. de. **Para ensinar educação física**: possibilidades de intervenção na escola. Campinas: Papyrus, 2007.

DARIDO, S. C. **Educação Física Escolar**: compartilhando experiências. In: DARIDO, S. C. (Org.). São Paulo: Phorte, 2011. 464p.

DE ROSE JR., D. ; FERREIRA, A. **Basquetebol: técnicas e táticas**: uma abordagem didático-pedagógica. 2. ed. São Paulo: EPU, 2010.

FALCÃO, J. L. C. Capoeira. In: KUNZ, E. (Org.). **Didática da Educação física 1. 3.** ed. Ijuí: Unijuí, 2003, p. 55-94.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE BASKETBALL. Disponível em: <<http://www.basquetegaucho.com.br>>. Acesso em: 14 abr. 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **A importância do ato de ler** – em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2003.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 47. ed. São Paulo Paz e Terra, 2008.

_____. **Partir da infância**: diálogos sobre educação. Paulo Freire, Sérgio Guimarães. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GALLATI, L. R. **Pedagogia do esporte**: o livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem dos jogos desportivos coletivos. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.

_____. **Esporte e Processos Pedagógicos**. In.: MOREIRA, W. W. e SIMÕES, R. (Orgs.) Fenômeno esportivo no início de um novo século. Piracicaba: UNIMEP, 2000, pg. 75-83.

LAJEADO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: <www.lajeado.rs.gov.br>. Acesso em: 11 jun. 2014.

LEIS DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 01 ago. 2015

LÜDKE, M. ; ANDRÉ, M. D. E. **A pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NEGRINE, A. **Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa**. In: MOLINA, N. V.; TRIVIÑOS, A. N. S. A Pesquisa Qualitativa na Educação física. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 1999. p.61-93.

NEUENFELDT, D. J. **Esporte, Educação Física e Formação Profissional**. Lajeado. UNIVATES, 2008.

NEUENFELDT, Derli Juliano; PACE, E. **A compreensão pedagógica dos acadêmicos de Educação Física sobre o ensino dos esportes coletivos na escola**. *Anais do XXVI Simpósio Estadual de Educação Física*. Fórum Olímpico Estadual. II Conferência Municipal do Esporte e Lazer. ESEF/UFPEL/PELOTAS/RS, de 17 a 20 de Outubro de 2007. p. 1-23.

NÓVOA, A. C. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

_____. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão**. In: _____. *Professores: imagens do futuro presente*. Lisboa: Educa, 2009. p. 25-46.

PAES, R.R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE JÚNIOR, D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: ArtMed, 2002. p.89-98.

PAES, R.R.; MONTAGNER, P.C. ; FERREIRA, H.B. **Pedagogia do esporte: iniciação e treinamento em basquetebol**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 01 ago. 2015.

PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Disponível em: <<http://www.lajeado.rs.gov.br>>. Acesso em: 02 ago. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAJEADO. Disponível em: <www.lajeado.rs.gov.br>. Acesso em: 11 jun. 2014.

RANGEL, I. ; Conceição, A. ; DARIDO, S. C. Jogos e Brincadeiras. In: RANGEL, I. C. A.; DARIDO, S. C. (Coord.). **Educação Física na Escola**. Implicações para a

prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

RIZZI, L.; HAYDT, R. C. **Atividades lúdicas na educação da criança**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007.

STIGGER, M. P. Relações entre o esporte de rendimento e o esporte da escola. In: STIGGER, M. P.; LOVISOLO, H. (Orgs). **Esporte de Rendimento e Esporte na Escola**. Campinas: Autores Associados, 2009, p.103 -134.

TARDIFF, M. **Saberes docentes & Formação Profissional**. Petrópolis, Vozes, 2002

THOMAS, J. R. ; NELSON, J. R. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Tradução de Ricardo Petersen. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TRIVIÑOS, A. N. S.; MOLINA NETO, V.. **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Sulina, 1999.

VAGO, T. M. **O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente, um diálogo com Valter Bracht**. Movimento. 1996/2. ano III. n. 5. Teoria e Educação, Porto Alegre: Pannonica, n. 2, 1990, p. 177- 229.

VENANCIO, L. ; DARIDO S. C. **A educação física escolar e o projeto político pedagógico: um processo de construção coletiva a partir da pesquisa-ação**. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.26, n.1, p.97-109, jan./mar. 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevista

- 1- Qual sua formação, onde foi realizada?
- 2- Quanto tempo de experiência na docência em Educação Física e quanto tempo na escola atual?
- 3- Como é desenvolvido seu trabalho na Escola? (Projeto Político Pedagógico, Plano de Área ou Ensino, Planos de Aula).
- 4- Como você avalia o papel/a função do professor de Educação Física na formação dos alunos?
- 5- Como você avalia a importância do basquetebol no contexto da Educação Física escolar para o desenvolvimento dos alunos?
- 6- Atualmente o conteúdo basquetebol é ministrado nas aulas de Educação Física nos 6º e 7º anos?
- 7- Qual o tempo destinado pra ministrar o conteúdo basquetebol?
- 8- Como você percebe a valorização dos alunos ao basquetebol?
- 9- Qual o enfoque que você, professor, atribui a estas aulas?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Participante da Pesquisa

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que estou disposto (a) a participar da Pesquisa “O ENSINO DE BASQUETEBOL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: COM A BOLA, OS PROFESSORES” proposta pela pesquisadora responsável, Professora Suzana Feldens Schwertner, e pelo acadêmico-pesquisador do Mestrado em Ensino, Clairton Wachholz. A pesquisa tem por objetivo compreender as possibilidades de desenvolvimento da modalidade basquetebol nas aulas de Educação Física das escolas da rede municipal de ensino de Lajeado, através de entrevistas semiestruturadas, gravadas e posteriormente transcritas, realizadas nas escolas, com sete professores de sete escolas numa cidade do interior do Vale do Taquari, em horários de trabalho, conforme disponibilidade dos entrevistados.

A técnica de coleta de dados pode desencadear alguns desconfortos, tais como:

- a duração da entrevista será de aproximadamente uma hora, podendo estender-se por um tempo maior, de acordo com as respostas.
- você poderá sentir-se desconfortável em relação a expor-se, neste caso será fornecido apoio necessário.

Fui igualmente informado(a):

- 1) Da garantia de receber esclarecimento sobre o estudo e resposta a qualquer pergunta relacionada com a pesquisa, a qualquer momento durante a realização da mesma;
- 2) Da liberdade de recusar ou retirar meu consentimento e deixar de participar do estudo, sem que isto traga qualquer prejuízo ou penalidade;
- 3) Da segurança de que não serei identificado(a) e que se manterá o sigilo da identidade e minha privacidade;
- 4) De que os dados recolhidos serão usados unicamente para os objetivos da presente pesquisa;
- 5) De que, embora a entrevista seja gravada, é garantido total sigilo, não havendo identificação da minha identidade, e que poderei requerer do entrevistador-pesquisador a transcrição integral da minha entrevista, se assim eu desejar;

- 6) Que os dados obtidos com a pesquisa serão utilizados para fins de divulgação científica em congressos, seminários e periódicos;
- 7) Que a participação na pesquisa não implicará qualquer custo;
- 8) De que serão mantidos todos os preceitos ético-legais durante e após o término da pesquisa;
- 9) Do compromisso de acesso às informações em todas as etapas do trabalho, bem como dos resultados, ainda que isso possa afetar minha vontade de continuar participando;
- 10) De que a técnica de coleta de dados pode desencadear alguns desconfortos e a forma como eles serão minimizados.

Este documento será redigido e assinado em duas vias, ficando uma com o sujeito e a outra com o pesquisador.

O acadêmico-pesquisador responsável por este projeto de pesquisa é Clairton Wachholz, fone (51) 9682-8515.

Data: ___/___/_____

Nome e assinatura do/a participante

Nome e assinatura do pesquisador responsável

APÊNDICE C – Declaração de Consentimento**Declaração de Consentimento do Participante da Entrevista**

Eu, _____, portador(a)
do RG número _____,
tendo lido as informações oferecidas acima e tendo sido esclarecido(a) das questões
referentes à pesquisa, concordo em participar livremente do estudo.

Assinatura _____

Data _____

APÊNDICE D – Declaração**Declaração de Autorização para Realização da Pesquisa****Nome da Escola**

Nome do(a) Diretor(a)

Endereço

Declaro que Clairton Wachholz está autorizado a realizar coleta de informações para a pesquisa intitulada: “O ENSINO DO BASQUETEBOL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: COM A BOLA, OS PROFESSORES”.

Para efetivar a coleta das informações, o professor terá permissão para acessar e analisar documentos, além de realizar observações, questionários e entrevistas com os professores e membros da direção e supervisão pedagógica.

Estou ciente de que o pesquisador preservará a identidade dos sujeitos participantes e observará os procedimentos éticos no manejo das informações obtidas.

As atividades do pesquisador deverão ser executadas com planejamento prévio e sem prejuízo nas atividades da comunidade escolar.

_____, ____ de _____ de 2014.

Assinatura ou carimbo do(a) Diretor(a) da Escola